



Instituto Politécnico de Lisboa

Escola Superior de Dança

**Projeto FLUXOS: Influência do Movimento Artístico *Fluxus*
na Criação Coreográfica Contemporânea Participativa**

Bárbara Salvador

Orientadora

Professora Doutora Madalena Xavier

Relatório Final de Projeto apresentado à Escola Superior de Dança com vista à
obtenção do Grau de Mestre em Criação Coreográfica e Práticas Profissionais na
Área de Especialização em Coreografia

Outubro de 2025



Instituto Politécnico de Lisboa

Escola Superior de Dança

Projeto FLUXOS: Influência do Movimento Artístico *Fluxus* na Criação Coreográfica Contemporânea Participativa

Bárbara Salvador

Orientadora

Professora Doutora Madalena Xavier

Relatório Final de Projeto apresentado à Escola Superior de Dança com vista à
obtenção do Grau de Mestre em Criação Coreográfica e Práticas Profissionais na
Área de Especialização em Coreografia

Outubro de 2025



*Ao meu pai, pela sua sabedoria e carinho, com quem continuo a aprender
todos os dias.*

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, o meu sincero agradecimento a todos os participantes que fizeram parte do processo, que confiaram e acreditaram na proposta desde o início até ao fim e um agradecimento muito especial aos participantes que integraram a performance final: Daniel Silva, Daniela Lima, Daniela Santos, David Cavaco, Fernando Chainço, Gabriella Hedegaard, Hugo Pereira, Inês Garcias, Maria Helena, Maria Inês Brás, Melissa Loja, Rita Cunha, São Matthias Nunes, Sara Dias, Segundos Pedro, Vanessa Toro e Vítor Pinto. Ao João Cristóvão Leitão, pela gravação da performance final, e à Raquel Amaral, que documentou com sensibilidade parte do processo e me apoiou nesta viagem.

À minha orientadora, Madalena Xavier, pela confiança e pela forma generosa como acompanhou este percurso. Agradeço-lhe pela orientação e pela força nos momentos de dúvida. A todos os professores do mestrado, que alimentaram o meu conhecimento e, consecutivamente, este trabalho, em especial ao professor Fernando Crespo, que guiou o início deste processo com rigor e entusiasmo. Aos meus colegas de mestrado, com um carinho especial à Maria Helena Moreira, ao Miguel Esteves e à Michele Miranda, pela amizade, pelas conversas e pelo apoio nos momentos mais exigentes.

À Câmara Municipal de Almada, pela cedência do espaço Ponto de Encontro – Casa Municipal da Juventude, onde decorreram os ensaios e a apresentação final. A toda a equipa do espaço, em especial ao Pedro, que nos recebeu em todos os ensaios, e ao Ricardo, pela atenção e cuidado com as nossas necessidades técnicas. À Meia Volta de Úrano – Café das Artes, que acolheu os Cafés FLUXOS, encontros que se tornaram imensamente relevantes no processo criativo. À Associação O Mundo do Espetáculo, pela generosidade em ceder o espaço de ensaio sempre que foi necessário.

A todos os meus amigos, em especial ao Daniel Wills, pelo apoio constante e por partilhar comigo o peso e a alegria deste processo.

E, por fim, à minha família, o meu porto seguro. À minha irmã, pela presença, pela paciência e por rever este relatório vezes sem conta, sempre com carinho. Ao meu irmão, pelo apoio e pela ajuda na edição dos vídeos. À minha mãe, por ser a minha maior referência, pela força, pelo carinho e por acreditar em mim em todos os momentos. E ao meu pai, cuja inspiração permanece viva em cada conquista.

Este Projeto é o resultado de muitas mãos, vozes e afetos. Sem este apoio, nada teria sido possível. A todos, o meu mais sincero obrigada.

RESUMO

Este Relatório de Projeto, na especialidade em Coreografia, realizado no âmbito do Mestrado em Criação Coreográfica e Práticas Profissionais da Escola Superior de Dança, investiga de que forma os princípios do Movimento Artístico *Fluxus* podem influenciar a criação coreográfica contemporânea participativa. A investigação teórica e prática desenvolve-se através do Projeto FLUXOS — um espaço de pesquisa e experimentação que aborda a dança como uma experiência partilhada e coletiva.

Inspirado nas práticas *Fluxus* dos anos 1960, o Projeto adota o acaso, a simplicidade e o quotidiano como motores criativos, valorizando a experiência e a relação entre a arte e a vida. A metodologia baseou-se em encontros laboratoriais, nos quais se exploraram partituras de ação, jogos, instruções e objetos como dispositivos de criação e de diálogo entre os participantes e a criação artística.

O percurso culminou na performance *Para Onde Vamos? Como Vamos? Vamos?!*, apresentada em abril de 2025, que materializou o trabalho colaborativo desenvolvido. A peça — uma partitura de improvisação estruturada — evidenciou a importância do processo e da atenção ao momento presente, transformando a imprevisibilidade em gesto criativo.

Esta investigação demonstra que a abordagem *Fluxus*, centrada no processo, na horizontalidade e na experimentação, pode expandir a prática coreográfica contemporânea, potenciando o envolvimento coletivo e a criação de uma arte viva, efémera e relacional.

Palavras-chave: *fluxus*, criação coreográfica, processos participativos, improvisação.

ABSTRACT

This Project Report, within the specialization in Choreography and conducted as part of the Master's Degree in Choreographic Creation and Professional Practices at Escola Superior de Dança, investigates how the principles of the Fluxus art movement can influence participatory contemporary choreographic creation. Theoretical and practical research unfolds through the FLUXOS Project — a space for investigation and experimentation that approaches dance as a shared and collective experience.

Inspired by the Fluxus practices of the 1960s, the project embraces chance, simplicity, and everyday life as creative engines, valuing experience and the relationship between art and life. The methodology was based on laboratory sessions, in which action scores, games, instructions, and objects were explored as devices for creation and dialogue among participants and the artistic process.

The research culminated in the performance *Para Onde Vamos? Como Vamos? Vamos?!*, presented in April 2025, which materialized the collaborative work developed. The piece — a structured improvisation score — highlighted the importance of process and attention to the present moment, transforming unpredictability into a creative gesture.

This study demonstrates that a Fluxus-inspired approach, centered on process, horizontality, and experimentation, can expand contemporary choreographic practice by fostering collective engagement and the creation of a living, ephemeral, and relational art.

Keywords: fluxus, choreographic creation, participatory processes, improvisation.

ÍNDICE

AGRADECIMENTOS.....	4
RESUMO.....	5
ABSTRACT.....	6
ÍNDICE.....	7
INTRODUÇÃO.....	9
CAPÍTULO 1 – ENQUADRAMENTO GERAL: PROJETO FLUXOS.....	11
1.1. IMPULSO CRIATIVO.....	11
1.2. TEMÁTICA: A VIAGEM E O COLETIVO COMO PAISAGEM POÉTICA.....	13
1.3. MÉTODOS E PROCESSOS: IMPROVISAÇÃO E O MOVIMENTO <i>FLUXUS</i>	14
1.4. CONTEXTO DE DESENVOLVIMENTO.....	15
1.5. OBJETIVOS.....	17
CAPÍTULO 2 – ENQUADRAMENTO TEÓRICO: MOVIMENTO ARTÍSTICO <i>FLUXUS</i>.....	19
2.1. <i>FLUXUS</i> : CONTEXTO HISTÓRICO, SOCIAL E CULTURAL.....	20
2.2. PENSAMENTO E PRÁTICAS <i>FLUXUS</i>	21
CAPÍTULO 3 – PROCESSO CRIATIVO: PROJETO FLUXOS.....	24
3.1. PROJETO FLUXOS.....	24
3.1.1. APRESENTAÇÃO DO PROJETO.....	25
3.1.2. CALENDARIZAÇÃO DO PROJETO.....	27
3.1.3. ANÁLISE DO PROCESSO CRIATIVO.....	29
3.2. A PERFORMANCE: PARA ONDE VAMOS? COMO VAMOS? VAMOS?!.....	59
3.2.1. PARTITURA DE IMPROVISAÇÃO.....	60
3.2.2. ESTÉTICA DA OBRA.....	64
3.2.3. ESPAÇO E CONTEXTO DE APRESENTAÇÃO.....	64
3.2.4. FICHA ARTÍSTICA E SINOPSE.....	65
CAPÍTULO 4 – PENSAMENTO E PRÁTICAS <i>FLUXUS</i> NO PROJETO FLUXOS.....	66
4.1. PARTICIPAÇÃO, COCRIAÇÃO E RELAÇÕES ARTÍSTICAS.....	66
4.2. ACASO E ESPONTANEIDADE.....	68
4.3. INSTRUÇÕES, OBJETOS E QUOTIDIANO.....	70
4.4. ESTÉTICA DA SIMPLICIDADE E A DISSOLUÇÃO DA OBRA.....	73
4.5. APROXIMAÇÃO DO <i>FLUXUS</i> À CRIAÇÃO EM DANÇA: PROJETO FLUXOS.....	75
REFLEXÕES FINAIS.....	77
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	79
APÊNDICES.....	81
APÊNDICE I - <i>Kit</i> FLUXOS.....	81
APÊNDICE II - CONFERÊNCIA PERFORMANCE.....	84
APÊNDICE III - PARTITURA DE IMPROVISAÇÃO.....	88

ANEXOS	95
ANEXO A - LINK DO VÍDEO DA PERFORMANCE FINAL.....	95
ANEXO B - CARTAZ DA APRESENTAÇÃO FINAL.....	96
ANEXO C - <i>FLUXKIT</i>	97
ANEXO D - DIVULGAÇÃO OPEN CALL DO PROJETO.....	98
ANEXO E - FOTOS ENSAIOS FLUXOS.....	100
ANEXO F - FOTOS CAFÉS FLUXOS.....	104
ANEXO G - FOTOS PERFORMANCE FLUXOS.....	107
ANEXO H - FOLHA DE SALA.....	111

INTRODUÇÃO

Este relatório nasce da vontade de compreender e explorar de que forma o espírito do Movimento Artístico *Fluxus* pode atravessar e transformar a prática coreográfica contemporânea, quando esta é pensada como uma experiência partilhada e processual. O Projeto FLUXOS assume-se como um espaço de investigação e criação que parte da convicção de que a arte e a vida se tocam e de que o quotidiano, o gesto simples e o acaso podem ser matéria coreográfica.

A proposta foi construída a partir de encontros, jogos e partituras abertas que colocaram o corpo em relação com o outro, com a criação artística e com o mundo, num exercício de transformar o improvisado e a partilha em conhecimento e composição. Ao longo de três meses de laboratório, com diferentes formatos de encontro que alimentaram o processo, onde desenvolvemos dispositivos criativos como o *Kit FLUXOS*, um conjunto de mapas, instruções e objetos que orientam e impulsionam a criação coletiva. O percurso culminou na performance *Para Onde Vamos? Como Vamos? Vamos?!*, uma partitura de improvisação estruturada que condensou as experiências singulares e coletivas do grupo.

Metodologicamente, o Projeto inspirou-se nos princípios e práticas do Movimento *Fluxus* — o acaso como motor criativo, as instruções simples como guias de ação, os objetos como matéria simbólica, as partituras abertas como convite à participação e a experimentação como modo de estar no processo. A estas ideias somaram-se a leveza do experimentar, a atenção ao presente e a horizontalidade nas relações artísticas, que transformaram o percurso num espaço de jogo, escuta e descoberta. Essas escolhas permitiram que cada participante, profissional ou não, se tornasse criador, contribuindo para uma obra construída em coletivo.

Este relatório organiza-se em quatro capítulos que refletem o caminho do próprio processo criativo. No primeiro, apresento o enquadramento geral do Projeto, apresentando as origens, as motivações e os impulsos que o fizeram nascer. No segundo, aprofundo o enquadramento teórico dedicado ao Movimento Artístico *Fluxus*, mapeando os seus princípios e práticas. O terceiro capítulo é inteiramente dedicado ao Projeto FLUXOS, dividido em dois momentos, o processo criativo e a apresentação final, onde descrevo as metodologias, as experiências e as descobertas do percurso. Por fim, o quarto capítulo estabelece a ponte entre o Movimento *Fluxus* e o Projeto, articulando pensamento e prática, refletindo sobre as potencialidades e os limites dessa aproximação. Ao longo de todo o

relatório, procuro não apenas relatar etapas e decisões, mas analisar o processo de forma crítica e poética, entendendo a criação como uma viagem coletiva.

CAPÍTULO 1 – ENQUADRAMENTO GERAL: PROJETO FLUXOS

Este capítulo apresenta e enquadra o Projeto FLUXOS, objeto central deste relatório, esclarecendo o modo como surgiu, as motivações, a temática, os métodos e processos, o contexto em que foi desenvolvido e os seus objetivos.

O Projeto nasce da vontade de articular práticas da dança contemporânea com os princípios do Movimento *Fluxus*, que marcou profundamente as artes do século XX ao propor novas formas de criação baseadas na colaboração, na participação e no jogo, diluindo as fronteiras entre a arte e a vida. Inspirado nesta base, o Projeto FLUXOS afirma-se como um espaço de experimentação coreográfica que privilegia o processo criativo em detrimento de resultados fechados, procurando construir sentidos coletivos a partir das experiências singulares de cada participante.

No decorrer do mestrado, fui direcionando o meu interesse para exercícios laboratoriais e práticas de experimentação, como caminhos para a criação coreográfica. Até chegar a esta metodologia de criação inspirada no *Fluxus*, que procura compreender e analisar as potencialidades deste encontro, propondo uma abordagem colaborativa e participativa, centrada no processo.

1.1. IMPULSO CRIATIVO

Quando iniciei o meu percurso na dança, fascinou-me sobretudo as múltiplas possibilidades de ação do corpo. Experimentar e observar o corpo ocupado numa tarefa concreta, ações quotidianas, que se tornam poesia aos olhos de quem observa e decifra a ação, o acontecimento. Interessa-me a forma como o corpo pode ser ocupado por imagens, memórias e imaginários. Fascinava-me sobretudo a ideia de jogo e de como as regras e as limitações criam lugares inesperados, deslocam o corpo dos seus hábitos, gerando um espaço de experimentação. Simultaneamente, descobri na dança um território de encontro e diálogo, onde o gesto não é apenas individual, mas nasce do coletivo, da escuta e do cruzamento de singularidades. A dança tornou-se, assim, para mim, um lugar de partilha, onde o ato criativo se alimenta da presença do outro e da possibilidade de ocupar corpos singulares e coletivos.

Ao longo do meu percurso artístico, os meus interesses sempre estiveram profundamente ligados à criação colaborativa e à diversidade de corpos e experiências.

Acredito que a dança se expande quando acolhe múltiplas vozes e diferentes histórias, quando permite que profissionais e não profissionais partilhem o mesmo espaço criativo. Vejo a prática artística e o lugar de criador como um espaço que deveria ser acessível, capaz de convocar comunidades diversas com interesse em pensar e intervir no mundo. O artista, neste contexto, não é apenas criador de obras, mas um agente de dinamização cultural, alguém que abre territórios de encontro e democratização da prática artística. É a partir desta visão que imagino o Projeto FLUXOS, um lugar de cocriação que integra participantes de diferentes idades, origens, contextos e experiências, quer artísticas, quer vivenciais.

A escolha do nome FLUXOS nasceu da metáfora dos cursos de água. Tal como cada rio transporta consigo sedimentos e memórias, também cada participante carrega consigo um percurso feito de experiências, marcos e deslocamentos. Os fluxos encontram-se, cruzam-se e seguem em direções diversas, mas, nesse encontro, partilham algo que se torna comum. O Projeto constrói-se, assim, como um processo coletivo, em que a singularidade de cada um se inscreve numa corrente maior, feita de encontros e diálogos. Pensar a criação como fluxo permitiu-me reconhecer no próprio processo artístico um movimento contínuo, onde nada é fixo, tudo se reinventa no momento em que corpos, tempos e histórias se cruzam.

Esta imagem simbólica liga-se também a uma motivação mais ampla, relacionada com a consciência de vivermos numa sociedade cada vez mais fragmentada. Zygmunt Bauman, na sua obra *Modernidade Líquida* (2001), descreve a crescente fragilidade dos laços sociais na contemporaneidade, marcada pela fluidez, pela instabilidade e pelo individualismo. É nesse contexto que a arte pode assumir-se como lugar de encontro e de resistência, capaz de solidificar relações e de criar vínculos. O Projeto FLUXOS nasce também deste desejo de criar um espaço onde a criação artística seja motor de ligação entre pessoas, onde o gesto partilhado se torne resposta à fragmentação social.

Outro pensamento que orienta este percurso é a noção de que a capacidade criativa é intrínseca a todo o ser humano. Como defende Joseph Beuys, “Cada ser humano é um artista” (Michaud, 2013, p. 1), acredito que a arte não se restringe a quem é profissional da área, mas constitui uma potência universal que pode e deve ser ativada. Michaud (2013), ao refletir sobre o conceito de “escultura social” proposto por Beuys, sublinha esta possibilidade de a arte se expandir para a vida em comunidade, transformando-se numa prática coletiva, relacional e transformadora. Este pensamento ressoa profundamente no Projeto FLUXOS: o envolvimento de participantes com diferentes níveis de experiência não é entendido como

fragilidade, mas como riqueza, porque amplia horizontes, estimula a colaboração e abre espaço a novas formas de criação.

Neste sentido, FLUXOS valoriza não apenas o produto final, mas sobretudo o processo, a experimentação, a improvisação e o encontro. A dança é aqui entendida como território vivo, aberto à imprevisibilidade, em que cada gesto individual tem a capacidade de se tornar matéria coletiva. O Projeto afirma, assim, a criação coreográfica como prática relacional e comunitária, onde o “estar-junto” é celebrado como gesto artístico.

Este impulso para a criação, estas motivações, foram o ponto de partida do Projeto FLUXOS. O início deste trabalho não nasceu de uma ideia fixa, mas de um impulso em movimento — um fluxo — que se desdobrou em pensamento, processo e criação. FLUXOS emerge, assim, como mais do que um título, afirma-se como um modo de pensar, um processo, uma paisagem em constante transformação. Propõe-se como espaço líquido, em que o coletivo é a paisagem e o processo e o caminho. Cada corpo carrega consigo as suas experiências, permitindo-se contagiar e relacionar-se com o outro. A força do Projeto reside, justamente, nesse atravessamento, criar através do encontro e deixar-se transformar pela viagem dos outros.

Foi também a partir deste nome — FLUXOS — que surgiu a lembrança do Movimento Artístico *Fluxus*, uma rede internacional de artistas que explorava instruções simples, partituras e jogos como dispositivos criativos, ligando a arte e a vida. Nesse momento, tornou-se clara a afinidade entre o Projeto e o Movimento dos anos sessenta, estabelecendo-se uma relação incontornável que orientou a minha investigação. Assim, a pesquisa passou a centrar-se sobretudo nesta relação, compreendendo de que forma os princípios *Fluxus* podem atravessar, inspirar e ressignificar o processo de criação coreográfica do Projeto FLUXOS.

No subcapítulo seguinte, irei aprofundar a temática, refletindo sobre como este impulso criativo esteve intimamente ligado a ela e como, este cruzamento, molda o Projeto e se traduz em práticas coreográficas e modos de estar no processo.

1.2. TEMÁTICA: A VIAGEM E O COLETIVO COMO PAISAGEM POÉTICA

O impulso criativo que deu origem ao Projeto FLUXOS esteve, desde o início, profundamente ligado à definição da sua temática. Este percurso confirma a percepção de Xavier (2017, p. 107), segundo a qual “existe uma relação bastante profunda e causal entre aquilo que identificámos como impulsos para a criação e a definição temática”. De facto, a

vontade de trabalhar com diferentes pessoas, experiências e trajetórias transformou-se no motor que gerou o universo poético e conceptual do Projeto, evidenciando a viagem não apenas como um tema, mas como uma metáfora para os processos de criação que o Projeto procura trabalhar.

A escolha do nome FLUXOS foi determinante neste processo. A metáfora dos cursos de água abriu um imaginário que passou a sustentar a criação, tal como um rio transporta sedimentos, também cada participante carrega memórias, experiências e histórias que, no encontro, se contaminam e se transformam. O Projeto situa-se, assim, “entre o líquido e o sólido”, entre o que flui e o que permanece. Trabalha-se a partir de um corpo-líquido, aberto e adaptável, que se cruza com um corpo-bagagem, feito de experiências sólidas já inscritas. Cada participante é um curso de água singular que, ao convergir com outros, compõem um território partilhado na criação coreográfica. Este, propõe-se como um mapa em movimento, desenhado a cada encontro, onde a paisagem é o próprio coletivo em transformação.

A temática do Projeto FLUXOS assenta na viagem como metáfora e no *Fluxus* como referência estética e filosófica. A viagem é entendida não apenas como deslocamento físico, mas como experiência de transformação, encontro e partilha — um percurso aberto ao acaso e à mudança. Inspirado pelo Movimento Artístico *Fluxus*, o Projeto adota o fluxo como estado de criação, em que o coletivo e a imprevisibilidade orientam o processo.

É a partir desta paisagem poética, onde a viagem e o fluxo se encontram, que emergem também os métodos e processos de trabalho do Projeto. Estes, inspirados pelo Movimento Artístico *Fluxus*, sustentam a dimensão experimental e colaborativa que caracteriza o FLUXOS, e que serão aprofundados no subcapítulo seguinte.

1.3. MÉTODOS E PROCESSOS: IMPROVISAÇÃO E O MOVIMENTO *FLUXUS*

A partir do próprio título FLUXOS, tornou-se inevitável o diálogo com o Movimento Artístico *Fluxus*. Este movimento de natureza interdisciplinar propunha novas formas de criação baseadas na fusão entre a arte e a vida, na abertura ao acaso e na valorização do processo em detrimento do produto final. O encontro entre FLUXOS e *Fluxus* revelou-se, assim, profundamente natural, ambos partem da ideia de fluxo — de transformação, de permeabilidade e de relação.

Como descreve Kristine Stiles (1993, p. 64), o trabalho dos artistas *Fluxus* situa-se “between water and stone”, num espaço intermédio, fluido e instável, onde as fronteiras se dissolvem e se reinventam. Esse “entre” tornou-se uma imagem orientadora para o Projeto

FLUXOS, um espaço de criação como território em mutação, onde ação, acaso e corpo se entrelaçam. Este diálogo entre fluxo e *Fluxus* consolidou as bases metodológicas do Projeto e abriu novas possibilidades de criação coreográfica.

Inspirando-me no espírito *Fluxus*, o Projeto adota dispositivos simples — instruções, partituras abertas, jogos e exercícios de improvisação — que funcionam como motores de criação e de experimentação. Estas estruturas, aparentemente simples, geram uma complexa rede de relações, permitindo que o gesto surja do encontro, do erro, do risco e da escuta. Este modo de operar desloca o foco do resultado final para o processo e para a experiência do estar-junto, afirmando a criação como prática coletiva e viva.

Em consonância com o pensamento de George Maciunas (1963), que defendia no *Fluxus Manifesto* uma “non art reality to be grasped by all peoples, not only critics, dilettantes and professionals” (Maciunas, 1963), o Projeto FLUXOS assume a arte como espaço acessível e participativo, em que todos, independentemente da sua formação ou experiência, podem ser agentes de criação. Tal como no *Fluxus*, aqui a arte e a vida fundem-se, e a improvisação torna-se uma forma de conhecimento, uma prática de liberdade e ação.

Deste modo, os métodos e processos do Projeto FLUXOS afirmam-se como uma metodologia de criação relacional, que valoriza a experimentação e o diálogo. A improvisação é entendida não como ausência de estrutura, mas como estrutura aberta, onde cada decisão e resposta dependem da presença do outro e do instante. A dança torna-se, assim, espaço de escuta, em que o movimento surge como gesto coletivo e partilhado.

Estes princípios metodológicos ganharam corpo em contextos concretos de trabalho, que sustentaram e deram forma ao processo criativo. É sobre esses espaços, parcerias e condições de desenvolvimento que se debruça o próximo subcapítulo.

1.4. CONTEXTO DE DESENVOLVIMENTO

O Projeto FLUXOS foi desenvolvido no âmbito do Mestrado em Criação Coreográfica e Práticas Profissionais da Escola Superior de Dança, beneficiando de um contexto que promove a articulação entre a prática artística e a reflexão teórica.

O processo criativo decorreu ao longo de três meses — janeiro, fevereiro e março de 2025 — e culminou com a apresentação pública do trabalho final a 11 de abril de 2025 a performance — *Para Onde Vamos? Como Vamos? Vamos!?* — (ANEXO A) a partir da

influência do Movimento Artístico *Fluxus* e das histórias e experiências dos participantes. Assente numa lógica de horizontalidade de relações no processo de criação artística, o Projeto valoriza a participação, entendendo-o como um espaço criativo de encontro e partilha.

Durante esse período, o Projeto organizou-se em vários formatos de encontro: os ensaios semanais FLUXOS, os Cafés FLUXOS, os Banquetes FLUXOS e a apresentação final, a Performance FLUXOS — *Para Onde Vamos? Como Vamos? Vamos!?* (ANEXO B).

Os ensaios semanais decorreram no Ponto de Encontro – Casa Municipal da Juventude, em Almada. Já os Cafés FLUXOS, aconteceram no café Meia Volta de Úrano que contou com momentos de criação no espaço público, a partir de jogos de movimento recorrendo à improvisação. Os Banquetes FLUXOS, encontros realizados à volta da mesa, que promoveram a reflexão, o convívio e o fortalecimento do grupo e ainda, a Performance FLUXOS, onde se encerrou este Projeto, que consiste numa partitura de improvisação estruturada que passa por diferentes jogos de movimento e de instruções dadas aos performers. Estes encontros funcionaram como espaços de diálogo e experimentação prática, explorando os conceitos e exercícios do Movimento Artístico *Fluxus*, além de questões relacionadas à participação e à cocriação.

Os participantes chegaram a este Projeto através de uma convocatória aberta, que resultou num grupo heterogéneo em termos de experiências, idades e percursos, o que enriqueceu significativamente o processo de criação coletiva. Este grupo plural possibilitou um olhar amplo sobre a temática da viagem e permitiu que a performance final refletisse a diversidade das vozes e vivências dos intérpretes-cocriadores. O processo contou com a participação de mais de 25 participantes, dos quais 17 integraram a peça final como intérpretes-cocriadores.

Este Projeto manteve uma forte ligação à cidade de Almada – cidade onde creci e vivo até hoje – contando com o apoio de várias entidades locais e beneficiando da participação maioritária de residentes de Almada. Esta proximidade geográfica e institucional contribuiu para a criação de um grupo coeso e com uma presença consistente nas atividades desenvolvidas.

A Câmara Municipal de Almada, disponibilizou o espaço de ensaio, de apresentação e os recursos técnicos necessários para garantir a continuidade e qualidade do processo artístico também a Associação Cultural - O Mundo do Espetáculo, sediada em Almada, apoiou o Projeto com espaço de ensaios. Este suporte permitiu desenvolver o Projeto com

rigor e consistência, possibilitando a articulação entre a prática artística participativa e a reflexão sobre as metodologias de criação.

FLUXOS insere-se, assim, numa linha de trabalho que propõe a arte como força agregadora, promotora do encontro e diálogo, investigando o papel da dança participativa como meio de construção de um sentido comum. Ao mesmo tempo, propõe-se como contributo relevante para o campo da dança contemporânea investigando as influências do Movimento *Fluxus* na criação coreográfica contemporânea a partir deste Projeto participativo desenvolvido na cidade de Almada.

1.5. OBJETIVOS

Objetivo Geral:

Analisar de que modo os princípios e práticas do Movimento Artístico *Fluxus* influenciam a criação coreográfica contemporânea participativa, a partir da reflexão teórico-prática desenvolvida no Projeto FLUXOS.

Objetivos Específicos:

- Criar um espaço de cocriação e experimentação que promova o diálogo entre diferentes corpos, vozes e experiências, valorizando a horizontalidade nas relações artísticas e a escuta no processo criativo.
- Explorar princípios fluxistas, como o acaso, o jogo, as *event score*¹ — instruções e partituras — e a simplicidade do gesto, aplicando-os à prática coreográfica para gerar formas de composição e interação performativa.
- Desenvolver dispositivos criativos e colaborativos — *Kit FLUXOS*² — que estimulem a improvisação e a participação.
- Investigar o papel do corpo como mediador de relações — entre o individual e o coletivo, o planeado e o espontâneo, o quotidiano e o performativo — dentro do contexto da criação.

¹ *event score* é um termo utilizado pelos artistas do Movimento Fluxus para designar instruções curtas, frequentemente poéticas ou absurdas, que descrevem ações simples do quotidiano transformadas em performances.

² *Kit FLUXOS* consiste numa mala que reúne objetos, instruções, imagens e sugestões criadas ao longo do processo, utilizadas como dispositivos de improvisação, coreográficos e dramatúrgicos.

- Construir uma partitura de improvisação que funcione como um mapa aberto de ações e possibilidades, equilibrando estrutura e liberdade, permitindo a emergência do acaso e da singularidade de cada performer.
- Propor uma performance participativa que envolva o público como parte integrante da experiência, transformando o ato de assistir num gesto ativo de presença e partilha.
- Fomentar uma prática artística sustentada no processo, onde o percurso criativo e as relações estabelecidas tenham tanto valor quanto o resultado final apresentado.

CAPÍTULO 2 – ENQUADRAMENTO TEÓRICO: MOVIMENTO ARTÍSTICO *FLUXUS*

Segundo Silva:

Fluxus é uma palavra latina que significa um contínuo passar e fluir, como um caudal de um rio. Como tal, em consonância com a ideia de resistência a uma definição que de algum modo restringisse o campo de ação destes artistas que, na realidade, se caracterizava por uma prática de arte intermédia, da qual os artistas Dada foram precursores. Os artistas Fluxus desenvolveram uma atuação radical de impacto social e político que contestava o sistema museológico através de ações performativas, filmes experimentais e publicações em formatos não convencionais, realizadas e divulgadas através de espaços e vias não-institucionais e imprevisíveis para a circulação de arte. (Silva, s.d., p. 4)

Esta perspetiva permite compreender que o *Fluxus* constituiu uma atitude crítica e experimental, que visava aproximar a arte da vida quotidiana e romper com as estruturas de validação artística. O seu impacto deve ser entendido como social e político, procurando questionar os sistemas estabelecidos de produção e receção artística.

De forma a compreender melhor como surge o Projeto *Fluxos*, é necessário compreender em que consistiu o Movimento, qual o seu contexto, o pensamento e as práticas do por detrás do *Fluxus*, que influenciaram e inspiraram este Projeto participativo de investigação e criação em dança contemporânea.

Neste subcapítulo, apresento de forma introdutória o Movimento, para que nos pontos seguintes possa abordar e desenvolver o contexto histórico, social e cultural que marcou o seu surgimento, de forma a entender como e que esta rede internacional de artistas encontrou novos questionamentos e práticas artísticas.

Posteriormente, serão analisados o pensamento e as práticas *Fluxus*, caracterizados por ações performativas, filmes experimentais e publicações não convencionais, trabalhando a interdisciplinaridade, com um pensamento inovador e práticas que privilegiam a experimentação e a aproximação entre a vida e a arte.

2.1. *FLUXUS*: CONTEXTO HISTÓRICO, SOCIAL E CULTURAL

O *Fluxus* foi um Movimento Artístico Internacional que surgiu no início da década de 1960, caracterizado pelo trabalho transdisciplinar entre diferentes áreas artísticas e pela negação dos circuitos tradicionais da arte. Inserido no contexto cultural, social e político do pós-guerra, constituiu-se como uma resposta às transformações deste período, reunindo artistas de diversas origens em práticas experimentais e colaborativas que procuravam dissolver as fronteiras entre arte e vida. Como destaca Jones (2006, p. 45), o *Fluxus* foi “a truly international grouping of artists who staged performances together from 1962 and produced various kinds of collective publications”.

O surgimento do Movimento coincidiu com a ascensão da Pop Art, os dois assumiram posições diferentes em relação ao mercado e à cultura de consumo. Enquanto a Pop Art celebrava os ícones da vida quotidiana e o consumo em massa ironizando-o, o *Fluxus* criticava esta forma de consumo, com uma postura contracultural frente ao otimismo consumista da arte. Nesse sentido, Jones (2006, p. 45) observa que “While pop and minimal art were quickly embraced by dealers, museums, and collectors, another group of artists, *Fluxus*, passed more or less unnoticed.”, evidenciando visões distintas em relação à comercialização da arte, o que reforça a sua resistência às instituições convencionais.

George Maciunas desempenhou um papel central na consolidação e difusão do *Fluxus*, que atravessou fronteiras geográficas e disciplinares. Foi ele quem deu nome ao Movimento e, em grande medida, definiu a sua identidade coletiva, defendendo que a arte deveria estar integrada à vida e livre da dependência de galerias. Maciunas articulou uma rede internacional de artistas, organizou eventos, editou publicações e produziu as célebres *Fluxkit* (ANEXO C), caixas que tinham um caráter lúdico e com pouco valor material em comparação com o valor dado à arte. As suas ações foram fundamentais para que o Movimento se afirmasse não apenas como um conjunto de experiências isoladas, mas como uma prática artística de alcance internacional.

O *Fluxus* deve muito aos movimentos de vanguarda, em particular ao dadaísmo e ao trabalho de Marcel Duchamp. A atitude irreverente e a crítica às instituições do dadaísmo ecoam nas propostas *Fluxus*, que também procuravam desestabilizar o conceito tradicional de arte. Duchamp exerceu uma grande influência através dos seus ready-mades e, sobretudo, com a obra *Boîte-en-valise* (1935–1941), uma mala que reunia reproduções em miniatura das suas obras mais icônicas. Ao condensar a sua produção em um objeto portátil e acessível ironizava a comercialização da arte, ideia retomada décadas mais tarde nos

Fluxkits. Assim como a mala de Duchamp, as caixas *Fluxus* possuíam um caráter lúdico e acessível, transformando a obra num jogo coletivo, fragilizando a ideia de original e de peça única. A inspiração de Duchamp reforça como o Movimento se apropriou de estratégias de vanguarda, reinterpretando-as de forma coletiva e lúdica. (Higgins, 2002; Smith, 1998).

Na década de 1960, a arte voltou a centrar-se no corpo, na ação e na performance, consolidando uma estética na qual o corpo do artista funcionava simultaneamente como material e linguagem expressiva. Essa abordagem manifestou-se de diversas formas, incluindo os *action paintings* de Jackson Pollock, a peça *4'33"* de John Cage, os *happenings* de Allan Kaprow e os eventos *Fluxus*. Estes últimos encenavam o corpo no tempo e no espaço, revelando que o corpo não se limita à sua matéria física, mas constitui uma materialização mediada pelos contextos nos quais é vivido, localizado, compreendido, encenado e atuado (Jones, 2006, pp. 380–382).

O Movimento *Fluxus* explorou espaços não convencionais, especialmente nas ruas, cafés e outros ambientes quotidianos, considerados ideais para dialogar com o público por meio de manifestações, performances e distribuição de panfletos. Um exemplo emblemático são as ações de Yoko Ono e John Lennon, que escreveram em outdoors a frase “War is over if you want it”, destacando a dimensão política, pública e performativa do *Fluxus*.

Assim, este Movimento Artístico deve ser compreendido como resultado da interseção de fatores históricos, sociais e culturais, estabelecendo um diálogo direto com os movimentos de vanguarda que possibilitaram o desenvolvimento de uma prática artística inovadora, crítica e intrinsecamente vinculada à vida.

2.2. PENSAMENTO E PRÁTICAS FLUXUS

O *Fluxus* foi um Movimento Artístico com uma configuração aberta e sem hierarquias fixas, estabeleceu uma forte ligação entre a vida e a arte, sustentando a ideia de que qualquer ação quotidiana poderia ser transformada em arte. Como refere Amelia Jones, “Fluxus artists used their minimal performances to blur the distinction between life and art” (Jones, 2006, p. 45). Esta abordagem, através de performances simples e muitas vezes inesperadas, aproximava a prática artística da vida, rompendo com a ideia de que a arte era algo restrito às instituições ou a elites. Rejeitando a noção de arte como objeto sagrado e intocável, privilegiando o processo, a experiência e o autoconhecimento como valores centrais do Movimento Artístico.

Este Movimento tinha então esta dimensão anti-comercial e anti-elitista, procurando democratizar a arte tornando-a acessível. Nas palavras da mesma autora, “Fluxus scores poked fun at concert conventions, as well as encouraging readers to find poetry, humor, and food for thought in everyday activities (‘Make a salad,’ states Alison Knowles’s 1962 Proposition)” (Jones, 2006, p. 45). Estas instruções, abertas à interpretação, aproximavam a criação artística das pessoas, desafiando a institucionalização da arte, valorizando o acaso, o jogo e o humor como motores criativos.

A colaboração entre artistas e público era um elemento central. Como refere Jones “At the core of both performances and publications lay the “event score,” verbal instructions written by artists which could be performed not only by the artist or another artist during Fluxus concerts, but also by any potential reader, anywhere.” (Jones, 2006, p. 45), reforçando a natureza participativa das obras *Fluxus*. Muitas só se concretizavam com a interação do público e aconteciam em espaços do quotidiano, promovendo encontros.

As performances reuniam diferentes disciplinas artísticas — música, dança, artes visuais, poesia, vídeo e performance — combinando som, imagem, palavra e corpo. Nesse sentido, Friedman descreve o Movimento como “an international laboratory of ideas—a meeting ground and workplace for artists” (Friedman, 2011, p. 4). Este Movimento, assim, não constituía um estilo estético único, mas sim um modo de pensar: aberto, experimental, coletivo e interativo, que desafiava e questionava o papel da arte na sociedade.

No que respeita às práticas, estas constituíam uma extensão deste pensamento, traduzindo-o e ampliando-o na prática. Destacavam-se eventos efémeros, happenings e performances guiadas por *scores* — instruções textuais — abertas à interpretação dos participantes, democratizando a experiência artística. Muitas vezes estes eram acompanhados de pequenos objetos e publicações — como os *Fluxkits* ou *Fluxboxes* — que circulavam fora do mercado tradicional da arte.

Exemplos emblemáticos destas instruções ou partituras textuais presentes no *Fluxus Performance Workbook*, como o *Fly Piece* (1963) de Yoko Ono, cuja instrução era simplesmente “Fly” — voar. A simplicidade deste gesto, transformado numa proposta performativa, convidava qualquer pessoa a tornar-se artista *Fluxus* através da ação. Outro exemplo é *Make a Salad* (1962), de Alison Knowles, no qual a preparação de uma salada se transformava numa performance coletiva. Estas propostas re-significavam gestos banais, elevando-os ao estatuto de arte. (Friedman, Smith, & Sawchyn, 2002).

As obras recorriam frequentemente à improvisação, baseada em premissas abertas e imprevisíveis. O jogo, a simplicidade e o humor serviam como motores do processo criativo, questionando a seriedade da arte através do absurdo e da comédia.

Neste sentido, podemos descrever o *Fluxus* como uma experiência que afirmava a troca entre o eu e o mundo. Ken Friedman sintetiza o Movimento em doze princípios: “Fluxus has been a laboratory, a grand project... characterised by twelve ideas: globalism, the unity of art and life, intermedia, experimentalism, chance, playfulness, simplicity, implicativeness, exemplativism, specificity, presence in time and musicality” (Friedman, 1998, p. viii–ix).

CAPÍTULO 3 – PROCESSO CRIATIVO: PROJETO FLUXOS

O presente capítulo tem como objetivo apresentar e analisar em detalhe o processo criativo do Projeto FLUXOS, evidenciando as suas diferentes etapas de desenvolvimento e os modos de concretização prática da proposta artística. Trata-se, portanto, de um momento de descrição e reflexão sobre o percurso vivido, procurando compreender como as intenções conceptuais, metodológicas e temáticas anteriormente exploradas se materializaram em ações, práticas e decisões coreográficas concretas.

O capítulo encontra-se dividido em duas partes. Na primeira parte, é apresentado o Projeto em si, abordando a sua conceção e estrutura de organização. Integrando uma breve apresentação do Projeto FLUXOS, seguida da apresentação da calendarização dos momentos que fizeram parte do Projeto, e posteriormente a análise detalhada do processo criativo, que decorreu ao longo de mais de três meses de trabalho.

Na segunda parte, o foco recai sobre a performance final, intitulada – *Para Onde Vamos? Como Vamos? Vamos!?* – resultante do processo colaborativo. Onde, são analisados os principais elementos da composição, a partitura de improvisação, a estética da obra e o espaço e contexto de apresentação.

Através desta análise, procura-se compreender de que modo os princípios e práticas do Movimento *Fluxus*, analisadas anteriormente, se refletem no processo e na construção coreográfica, bem como as estratégias de participação, colaboração e improvisação que estruturaram o processo e a performance.

3.1. PROJETO FLUXOS

O Projeto FLUXOS constitui o núcleo central deste relatório, configurando-se como uma proposta de criação coreográfica participativa, inspirada nos princípios do Movimento Artístico *Fluxus* e orientada em torno da temática da viagem.

FLUXOS nasce, assim, do cruzamento entre dois impulsos fundamentais, por um lado, o interesse em compreender como os princípios *Fluxus* — a simplicidade dos dispositivos, a abertura ao acaso, o jogo e a ligação entre arte e vida — podem ser transpostos para o campo da criação coreográfica contemporânea. Por outro lado, existe a vontade de

investigar o potencial da dança participativa como meio de construção de comunidades, de partilha.

Enquanto prática artística, o Projeto FLUXOS estrutura-se em torno de três eixos principais:

- Experimentação – o processo criativo entendido como espaço de descoberta e de abertura ao inesperado;
- Colaboração – o diálogo entre corpos, vozes e experiências como motor da criação;
- Improvisação – utilizada como metodologia central, capaz de gerar movimento, pensamento e composição coletiva.

A cada encontro, o grupo era convidado a ativar partituras abertas, jogos e instruções inspiradas nos eventos do Movimento *Fluxus*, explorando o gesto quotidiano, o acaso e a relação entre corpo, espaço e objeto.

Mais do que um produto final, FLUXOS afirma-se como uma metodologia de criação e um posicionamento artístico, que valoriza o processo, o encontro e a presença. O Projeto propõe, assim, uma prática coreográfica que se constrói a partir do fluxo de ideias, de afetos e de corpos que faz da viagem, literal e simbólica, o seu principal motor poético.

3.1.1. APRESENTAÇÃO DO PROJETO

O Projeto ocorreu entre janeiro e abril de 2025, no âmbito do Mestrado em Criação Coreográfica e Práticas Profissionais da Escola Superior de Dança, e contou com o apoio da Câmara Municipal de Almada e da Associação Cultural Mundo do Espetáculo. O processo decorreu maioritariamente no Ponto de Encontro – Casa Municipal da Juventude em Almada, tendo incluído ensaios regulares, encontros informais e momentos de experimentação abertos à comunidade.

O grupo de participantes foi formado a partir de uma convocatória aberta – *open call* – divulgada através das redes sociais e da plataforma Coffeepaste (ANEXO D). A resposta foi expressiva, reunindo dezenas de participantes com idades compreendidas entre os 17 e os 70 anos. Esta diversidade refletiu-se não apenas na faixa etária, mas também ao nível de formação e interesses, que abrangeram distintos campos artísticos — como a dança, o teatro, a música e as artes visuais —, bem como áreas da educação, mediação cultural e terapias.

A heterogeneidade do grupo revelou-se um elemento fundamental para o desenvolvimento do Projeto, permitindo a construção de um espaço plural e participativo, onde diferentes sensibilidades, linguagens e experiências contribuíram para a riqueza e complexidade do processo criativo coletivo.

FLUXOS é um Projeto participativo de investigação e criação em dança contemporânea que junta pessoas numa viagem coletiva com o objetivo de criar um diálogo constante entre o Movimento *Fluxus* e o Projeto e termina com a criação de uma partitura de improvisação estruturada a partir da prática feita ao longo de todo o processo. Trata-se de uma celebração do estar-junto, que procura explorar as relações entre as pessoas e a criação artística em dança contemporânea, a partir de um lugar de escuta, partilha e criação coletiva.

Este propõe a criação de dispositivos coreográficos inspirados nos princípios, pensamento e práticas do Movimento Artístico *Fluxus*, a partir das histórias e experiências dos participantes. Estes dispositivos tomam a forma de jogos, instruções e ações performativas que convidam todos os envolvidos a entrar num campo de contaminação, onde as experiências individuais são partilhadas e incorporadas no processo criativo.

A ideia de jogo, regras e limitações servem como motor para o trabalho colaborativo, abrindo uma zona de criação coletiva, onde a ação, a escuta e a participação moldam a composição coreográfica.

Segundo Gonçalo M. Tavares:

O jogo é quase sempre isto: regras que se fixam e, dentro delas, liberdade que se oferece. As regras dizem: para além de mim não podes passar; e a liberdade diz: mas dentro do espaço limitado pelas regras podes fazer muitas coisas. Sem regras não há jogo: são necessários limites para que exista algo que possamos dar nomes; como numa definição: dentro da palavra cadeira posso colocar muitas coisas, mas há outras que não. Se, no entanto, não atribuir nome a uma coisa, a um conjunto de coisas ou atributos, então fico com uma possibilidade infinita: fico com nada, portanto. O jogo começa, então, por uma definição: as regras. As regras pressupõem uma imobilidade, ou melhor, uma repetição. (Tavares, 2019, p. 282)

As regras colocam limitações, mas a liberdade manifesta-se dentro delas, oferecendo um espaço em que a ação pode assumir múltiplas possibilidades. O jogo inicia-se com a definição dessas regras que abrem espaço para a liberdade criativa.

Umberto Eco aborda o jogo como um desperdício de energias, descrevendo-o como algo que não tem fim utilitário — é puro prazer, um tempo privilegiado usado na fixação de ações. Neste contexto, cada gesto, objeto ou palavra torna-se matéria coreográfica, valorizando o estar vivo e o tempo de jogo como espaço artístico em constante interação. (Tavares, 2019, p. 282-283)

Altamente influenciado pelo Movimento *Fluxus*, o processo desenvolveu-se a partir do *Kit FLUXOS* — um conjunto de objetos, instruções, imagens e sugestões criadas ao longo do percurso — que funcionam como "gatilhos" criativos para a ação e para a criação de uma partitura de improvisação (APÊNDICE I).

Ao longo do processo criativo um dos grandes objetivos foi a criação de dispositivos que refletissem a diversidade das narrativas individuais e coletivas dos participantes. Através de práticas colaborativas e participativas, FLUXOS revela-se um exercício de criação artística. A partir desta experiência, pretende-se investigar o papel da arte — e da dança, em particular — como força agregadora, capaz de promover o encontro, o diálogo e a construção de sentidos comuns.

Além de contribuir para o campo da dança contemporânea participativa, o Projeto posiciona-se como uma proposta que investiga as influências do Movimento *Fluxus* na criação artística, através da sua filosofia, estética, princípios e práticas. Pretendendo ligar as pessoas ao processo criativo e, em particular, à criação participativa em dança contemporânea. Nesse sentido, o Projeto revela-se relevante tanto no contexto acadêmico como no da criação artística em comunidade.

FLUXOS é um convite à experiência partilhada, à criação com o outro, e à construção de um espaço performativo onde a arte se cruza com a vida e com a experiência de cada participante que fez parte deste processo.

3.1.2. CALENDARIZAÇÃO DO PROJETO

Durante todo o processo existiram diferentes formatos de encontro: Ensaios FLUXOS; Cafés FLUXOS; Banquetes FLUXOS; Performance FLUXOS. Estes eventos foram decorrendo ao longo de quatro meses com o propósito de trabalhar a temática da viagem num diálogo constante entre a criação coreográfica e o Movimento Artístico *Fluxus*.

Desta forma este subcapítulo pretende apresentar a ordem cronológica dos acontecimentos ao longo do Projeto numa perspetiva de enquadrar o trabalho desenvolvido ao longo do processo.

APRESENTAÇÃO DO PROJETO

Momento que reuniu todos os que se candidataram ao Projeto, como forma de o apresentar presencialmente e esclarecer dúvidas sobre o mesmo

- Dezembro | **dia 8 de 2024** | 17h

ENSAIOS FLUXOS

Normalmente estes ensaios decorreram durante todas as terças, das 18h às 21h de janeiro, fevereiro e março de 2025 no Ponto de Encontro - Casa Municipal da Juventude em Almada com exceção do ensaio a 30 de março que foi um ensaio extra, que decorreu na sede da Associação Cultural O Mundo do Espetáculo. Em abril o Projeto também se estendeu com mais dois ensaios para a preparação da apresentação da performance final (ANEXO E).

- Janeiro | **dias 7, 14, 21 e 28 de 2025** | 18h às 21h
- Fevereiro | **dias 4, 11, 18 e 25 de 2025** | 18h às 21h
- Março | **dias 4, 11, 18, 25, 30 de 2025** | 18h às 21h
- Abril | **dia 8 de 2025** | 18h às 21h

CAFÉS FLUXOS

Nos últimos domingos de cada mês, excepto o de janeiro que passou para domingo, dia 2 de fevereiro, os encontros decorreram no Café das Artes - Meia Volta de Úrano em Almada. Estes eventos foram extremamente relevantes para o processo, onde nos reunimos no espaço público para criar dispositivos de jogo e testá-los (ANEXO F).

- Fevereiro | **dia 2 e 23 de 2025** | 15h

BANQUETE FLUXOS

Espaço de encontro em torno da mesa, criando um lugar de partilha e reflexão sobre o Projeto, o caminho percorrido e o caminho a percorrer.

- Fevereiro | **dia 20 de 2025** | 20h - 22:30h

PERFORMANCE FLUXOS

Encerramento do Projeto, que contou com dois momentos, o ensaio aberto ao público que contou com um momento de feedback e a apresentação da performance final (ANEXO G).

- Abril | **dia 1 de 2025 - (ensaio aberto)**
- Abril | **dia 11 de 2025 - (apresentação final)**

Durante o Projeto, ocorreram algumas alterações na calendarização, como a realização de ensaios extra e mudanças nas datas, que eram sempre discutidas com os participantes. Este diálogo foi fundamental, pois o objetivo era adaptar o Projeto às vidas e rotinas de quem dele fazia parte, não era o Projeto que impunha o ritmo, mas sim as pessoas, para que este se moldasse e fizesse sentido para os envolvidos.

3.1.3. ANÁLISE DO PROCESSO CRIATIVO

O processo criativo deste Projeto foi desenvolvido através dos encontros que foram realizados em diferentes formatos e todos eles foram essenciais para o decorrer do processo. Ao longo do percurso, a prática coreográfica articulou-se com os princípios do Movimento *Fluxus* — valorização do cotidiano, espontaneidade, experimentação, participação, relações horizontais e interdisciplinaridade —, traduzindo-se em práticas como o uso de instruções, partituras abertas e objetos, criando dispositivos de jogo.

Sublinhando a importância destes encontros, descrevo e analiso neste subcapítulo o processo prático que se desenrolou ao longo do Projeto. A narrativa assenta no diálogo entre criação coreográfica e o Movimento *Fluxus*. Cada sessão é apresentada por ordem cronológica a partir dos seus objetivos, das atividades realizadas e de reflexões que delas emergiram. Procura-se demonstrar que as partituras abertas, os jogos e a improvisação serviram de dispositivos de exploração e experimentação, motores de criação estética que geraram sentido, relação e diálogo entre participantes.

APRESENTAÇÃO DO PROJETO - 8 DE DEZEMBRO 2024

LOCAL: Cafe das Artes - Meia volta de Úrano Almada

PARTICIPANTES: 16

TÍTULO DA APRESENTAÇÃO: Conversa Aberta - Projeto FLUXOS

OBJETIVOS:

- Apresentar o Projeto e o seu enquadramento participativo, centrado na investigação e criação em dança contemporânea;
- Introduzir os princípios do Movimento *Fluxus*, nomeadamente o trabalho em rede e o quotidiano como matéria artística e a experimentação como prática de liberdade;
- Apresentar e discutir a temática da viagem enquanto metáfora poética e ponto de partida;
- Criar um primeiro momento de partilha e coesão de grupo, onde cada participante pudesse apresentar-se através da sua própria “viagem” pessoal e artística.

REFLEXÃO DA APRESENTAÇÃO DO PROJETO

O primeiro encontro marcou o início do Projeto FLUXOS e teve como propósito criar um espaço de aproximação entre os participantes e o universo da proposta. Este momento foi pensado como uma conversa aberta, onde se introduziram as linhas temáticas do Projeto, a viagem e se exploraram as referências ao Movimento Artístico *Fluxus*.

Durante este encontro, foi realizada uma ação prática inspirada em *Fly Piece* (Yoko Ono, 1963), que serviu como primeiro exercício *Fluxus* dentro do Projeto. A proposta, simultaneamente simples e poética, permitiu introduzir os participantes ao gesto fluxista, ações quotidianas transformadas em matéria artística através da intenção.

Na segunda parte da apresentação, trabalhou-se em torno da temática, a viagem, propondo o uso de cartões com palavras e imagens associadas a diferentes viagens, percursos e histórias. Esta dinâmica procurou provocar o imaginário de cada participante, permitindo que o grupo refletisse sobre as relações entre o eu e o coletivo, entre o corpo e o mundo, e entre a experiência pessoal e a criação artística.

Este primeiro encontro revelou-se essencial para estabelecer o tom relacional e colaborativo que viria a caracterizar todo o processo criativo. O espaço foi vivido como um território de partilha e de construção coletiva, onde se afirmaram desde logo alguns dos princípios fundadores do Projeto: abertura, horizontalidade nas relações artísticas, e atenção ao outro como elemento de composição.

1.º ENSAIO - 7 DE JANEIRO 2025

LOCAL: Ponto de Encontro - Casa Municipal da Juventude Almada

PARTICIPANTES: 23

TÍTULO DO ENSAIO: Corpo Identidade / Corpo Viagem

OBJETIVOS:

- Apresentar o Projeto, contextualizando os participantes relativamente à temática da viagem e a sua ligação ao Movimento *Fluxus*;
- Apresentar os participantes a partir do desenho e partilha dos seus mapas pessoais;
- Realizar jogos de quebra-gelo com vista a promover a ligação do grupo;
- Explorar dinâmicas de inter-relação no espaço, através do olhar, do movimento e da escuta, potenciando o sentido de comunidade;
- Criar pequenas sequências coreográficas a partir da temática da viagem;
- Experimentar ferramentas de composição que articulem instruções simples e construção coletiva de material performativo.

EXERCÍCIOS

- **Relação espacial:** relacionarmo-nos com as palavras dos outros no espaço, mais perto mais longe (escritas no início do ensaio);
- **Correspondência de palavras:** encontrar pares e quartetos de palavras;
- **Palavras e movimento:** criar frase a partir das palavras e uma pequena frase de movimento que acompanha a frase;
- **Apresentar sequências.**

REFLEXÃO DA SESSÃO

Esta primeira sessão foi fundamental para começar a criar um sentido de grupo. Através de práticas de apresentação, jogo e partilha, estabelecendo-se um ambiente de confiança e abertura, fundamental para o trabalho de grupo e para a criação desta comunidade.

O exercício de desenhar o mapa do percurso até ao ensaio e de o apresentar revelou-se particularmente significativo. Para além de permitir conhecer um pouco do contexto de cada participante, introduziu de forma orgânica a temática da viagem, tanto como deslocamento concreto quanto como metáfora poética. Ao serem convidados a “executar” o mapa na sala de ensaios, transformaram o espaço num território partilhado onde o gesto gráfico se converteu em gesto corporal, aproximando-se da lógica *Fluxus* de transposição do quotidiano para o pensamento artístico.

Durante o aquecimento, as dinâmicas de olhares, deslocamentos e jogos coletivos tiveram um papel decisivo para quebrar constrangimentos e ativar o corpo em relação ao outro. O carácter lúdico foi central para o envolvimento de todos os participantes, estabelecendo uma prática de escuta relacional em que cada um se deixava afetar pelas ações do grupo.

O trabalho com as palavras adicionou uma camada simbólica à exploração da temática em grupo. Cada participante escolheu uma palavra ligada à viagem e, a partir delas, construiu-se uma série de relações, primeiro individuais, depois em pares e quartetos, culminando em pequenas sequências de movimento. Esta transição da linguagem verbal para o gesto evidenciou como as palavras funcionam como pequenas instruções — simples pontos de partida que potencializam múltiplas possibilidades criativas.

Por fim, cada grupo apresentou a sua frase de movimento, consolidando a experiência coletiva. O material de cada um foi apropriado, transformado e expandido pelo encontro com o outro. Este processo funcionou como uma primeira cartografia coletiva, onde se começou a traçar o “fluxo” comum a partir de percursos singulares.

Assim, este primeiro ensaio não só cumpriu o objetivo de aproximação do grupo, como também lançou as bases estéticas e metodológicas do Projeto — trabalhar a partir do quotidiano, instruções simples em diálogo com o Movimento *Fluxus*.

2.º ENSAIO - 14 DE JANEIRO 2025

LOCAL: Ponto de Encontro - Casa Municipal da Juventude Almada

PARTICIPANTES: 18

TÍTULO DO ENSAIO: Relação Entre a Temática e o Movimento *Fluxus*

OBJETIVOS:

- Explorar o Movimento *Fluxus* como referência para a criação coreográfica, destacando o uso de instruções simples e a liberdade do performer;
- Desenvolver a escuta individual e coletiva, promovendo a atenção ao corpo, ao espaço e ao outro;
- Investigar a relação entre corpo, música e objeto, ampliando a dimensão performativa e participativa;

- Experimentar ferramentas de composição coreográfica baseadas em instruções, improvisação.

EXERCÍCIOS

- **Seguir o mapa:** como um manual de instruções, decorar o percurso fazê-lo, estando disponível para que este percurso se cruze com o de outro e possam existir interações.
- **Mapa e indicações:** grupos de 4/5 improvisaram a partir do mapa, tendo em conta a música e o grupo. Juntar as indicações e os objetos para que quem assiste possa intervir;
- **Indicações:** Imita ou não o percurso de alguém; Dá ou não indicações do percurso a alguém; Atrasa ou não o percurso de alguém; Faz ou não o som do percurso de alguém; Bloqueia ou não o percurso de alguém; Mede ou não o percurso de alguém; Acelera ou não o percurso de alguém; Ilumina ou não o percurso de alguém.

REFLEXÃO DA SESSÃO

O segundo ensaio teve como foco principal a ligação entre a temática da viagem e o Movimento *Fluxus*, colocando em prática a ideia de mapa e percurso como manual de instruções, e o uso de indicações que trabalhavam a liberdade do intérprete durante as improvisações. Neste ensaio chegaram novos participantes, existindo a necessidade de os integrar no grupo e no Projeto.

A retroação inicial, através de palavras e desenhos, sobre as impressões da sessão anterior revelou o interesse e o envolvimento dos participantes com o universo *Fluxus*. Este momento reforçou o carácter comunitário e participativo do Projeto — trabalhar e pensar o Projeto em conjunto. Os relatos dos participantes falavam de “descoberta”, “intuição”, “conexões”, “procurar algo comum”, “inspirada pelos outros” revelando como a experiência estava a ser para cada um. Esta partilha evidenciou que o grupo estava a criar momentos afetivos em coletivo, extremamente importantes quando se trabalha em grupo.

O aquecimento reforçou a escuta e a atenção ao detalhe, a presença da música não serviu apenas para acompanhar o ensaio, era algo vivo que dialogava com os corpos, reforçando a ligação entre o Projeto e o *Fluxus*, que tratava todos os elementos (sons, objetos, pessoas, acasos) como matéria artística.

Na sequência dos exercícios, o manual de instruções funcionou como partitura aberta³, permitindo tanto a ação individual (seguir o mapa) quanto a construção de relações em grupo (encontro com o outro durante o percurso). A proposta de pequenas indicações dadas a quem assistia à improvisação — imitar, atrasar, medir, bloquear, acelerar, iluminar — potencializou situações de encontro e conflito, a partir do acaso como motores criativos. Essa imprevisibilidade, obrigou os intérpretes a negociar, improvisar e tomar decisões em tempo real.

Os quatro grupos de improvisação foram marcados por várias dinâmicas, mas todos iniciaram com ações/gestos mais simples para momentos performativos mais complexos onde diversas decisões eram tomadas em simultâneo:

- No primeiro grupo, destacou-se a organicidade no decorrer das ações. Os performers incluíram o espelho que refletiu o público, criando um diálogo entre quem assiste e a ação.
- O segundo grupo trouxe o cansaço e a repetição do percurso, revelando o lado emocional e inesperado das instruções, onde riso e choro coexistiram.
- O terceiro grupo explorou a contradição de indicações opostas, culminando num caos criativo, expondo a fragilidade e a potência do grupo ao lidar com diferentes propostas.
- No quarto grupo ficou mais evidente o trabalho espacial, linhas de corpos e duelos que se transformaram em duetos, onde pulsava a questão, como saber quando chegamos ou quando termina o percurso? Abrindo espaço para refletir sobre a própria natureza processual da criação.

Em todos os grupos a utilização de objetos quotidianos — espelho, fita métrica, lanterna, fio, entre outros — expandiu o vocabulário da improvisação, funcionando como mediadores entre corpos, música, percursos e quem assiste. Tal como no *Fluxus*, o objeto deixou de ser acessório para se tornar mais um agente performático, que ligava o grupo.

Em síntese, esta sessão consolidou a viagem como prática performativa, ao mesmo tempo que aprofundou a integração dos princípios *Fluxus*, a abertura à improvisação, a valorização de ações quotidianas, a liberdade interpretativa e a permeabilidade ao acaso. O

³ Partitura aberta é um modelo de composição que não fixa integralmente a obra, permitindo que o intérprete tenha liberdade para definir a duração ou a execução dos elementos propostos.

grupo demonstrou uma crescente capacidade de transformar instruções simples em experiências coletivas complexas, revelando que o foco não é apenas um produto final, mas um processo de negociação, jogo e partilha contínua ao longo das improvisações.

3.º ENSAIO - 21 DE JANEIRO 2025

LOCAL: Ponto de Encontro - Casa Municipal da Juventude Almada

PARTICIPANTES: 17

TÍTULO DO ENSAIO: O Som da Viagem: Quotidiano, Acaso e Instruções

OBJETIVOS:

- Explorar jogos de ação-reação, desenvolvendo a escuta e a interação entre intérpretes;
- Trabalhar a relação do corpo com a música, considerando-a um agente performativo;
- Estimular o imaginário por meio de jogos que integram portais sonoros;
- Explorar o movimento em diferentes lugares, reais e imaginários, ampliando a noção de espaço performativo;
- Trabalhar a articulação entre corpo e som individualmente e a pares;
- Criar ambientes sonoros coletivos através da improvisação, potenciando a escuta e a coautoria;
- Aplicar ferramentas de composição num contexto experimental.

EXERCÍCIOS

- **Som e movimento:** em pares, um faz som, o outro faz o movimento → troca de pares;
- **Som e movimento em coletivo:** metade do grupo cria um ambiente sonoro coletivo improvisado e o outro grupo dá corpo ao ambiente sonoro.

REFLEXÃO DA SESSÃO

O terceiro ensaio foi extremamente importante para consolidar o trabalho de consciência de grupo e escuta, um princípio importante da criação coreográfica coletiva. Aproximando-se de forma clara das premissas *Fluxus*, onde o acaso, o quotidiano e a duração são elementos centrais no processo.

A sessão iniciou com a observação do mapa mental construído na sessão anterior, no qual os papéis foram colocados na parede de forma ocasional e aparentemente desordenada. Essa disposição foi abordada e trabalhada nesta ensaio como um gesto artístico, permitindo refletir sobre o papel do acaso na criação artística e a sua relação com o Movimento *Fluxus*.

Posteriormente, fizemos a retroação da última sessão, as partilhas dos participantes evidenciaram outras dimensões do processo criativo: a “doideira como refúgio”, o “interferir como ato de autoridade”, a “percepção da influência do outro”, o “sentido de pertença e o desconforto”. Ainda que nem todas estas reflexões se relacionem diretamente com o acaso, trouxeram contributos significativos para compreender como cada participante se posiciona na viagem coletiva, tanto literal como metafórica.

No aquecimento, a articulação entre corpo e voz permitiu disponibilizar os intérpretes para a escuta e para o jogo, explorando sons quotidianos, transformados em pequenas narrativas. Andamos pelo espaço enquanto contávamos histórias de viagens, isto gerou um momento particularmente performativo, cada participante contava a sua história em simultâneo, criando a sensação de discussão coletiva. A variação dos níveis influenciava a intensidade da voz (mais alta em pé, mais interna perto do chão), demonstrando como a fisicalidade condiciona a expressividade sonora.

A partir desta base, surgiram momentos de improvisação onde o som e o movimento se tornaram indissociáveis. Nos exercícios a pares, em que um dos participantes fazia som e o outro movimento, foi possível observar que quem fazia o som acabava também por introduzir movimento, demonstrando como um influencia o outro. Alguns participantes recorreram à palavra em vez de som, atribuindo um significado mais evidente que conduziu a ação para a mimese, o que não correspondia ao objetivo do exercício. Contudo, surgiram também momentos em que gestos banais, como vestir um casaco acompanhado da pergunta “Está bem assim? Está bem assim?...”, desencadearam riso e humor na ação. Essa simplicidade e humor transformou-se em material coreográfico, articulando-se com a estética *Fluxus*, que integra o quotidiano e o humor como elementos presentes na criação.

O exercício de escuta coletiva, em que metade do grupo foi convidado a criar o ambiente sonoro improvisado e o outro movimento, a partir da interpretação deste ambiente sonoro, reforçou a permeabilidade entre ação e reação. Este exercício sublinhou a importância da escuta, da disponibilidade para ser contagiado pelo som e pelo outro.

Durante a sessão abordamos a importância da escuta é mais do que ouvir, é a capacidade de permanecer num estado de disponibilidade, mesmo perante o desconforto do silêncio ou da aparente ausência de ação. Alguns participantes ainda demonstram a tendência de procurar constantemente novos estímulos, em vez de se deixarem habitar pela duração da ação, esta inquietação dificultou a escuta e o estar juntos durante a improvisação. É precisamente neste “vazio” que existe uma maior aproximação ao Movimento *Fluxus*, aceitando o tempo experienciado, o tempo que cada ação precisa, permitindo que o quotidiano esteja presente em cena.

Assim, este ensaio focou-se na escuta e na duração que cada ação precisa, relembrando que a improvisação e a criação podem ser atravessadas por momentos de caos, humor, silêncio e vazio.

4.º ENSAIO - 28 DE JANEIRO 2025

LOCAL: Ponto de Encontro - Casa Municipal da Juventude Almada

PARTICIPANTES: 19

TÍTULO DO ENSAIO: O Som da Viagem: Escuta e Sentido de Grupo

OBJETIVOS:

- Investigar a relação entre corpo, som e ação, enquanto materiais de composição e dramaturgia;
- Explorar o imaginário a partir de jogos, criando e experienciando diferentes lugares reais e imaginários;
- Experimentar a criação de ambientes sonoros coletivos por meio da improvisação, valorizando a escuta, a interação com o espaço e com o outro.

EXERCÍCIOS

- **Portais:** passar entre dois participantes e ser transportado para outro lugar, criando o ambiente sonoro correspondente;
- **Ambiente sonoro:** metade do grupo é convidado a deitar-se no chão, de olhos fechados, e a criar coletivamente um ambiente sonoro, sustentado pela escuta atenta, com princípio, meio e fim. Simultaneamente, a outra metade explora o movimento no espaço, em escuta com este ambiente sonoro. Posteriormente, trocam as funções dos grupos;

- **Ambiente sonoro coletivo:** metade do grupo cria um ambiente sonoro improvisado em escuta atenta (deitados, olhos fechados, para potencializar a escuta). A outra metade interpreta esse ambiente através do movimento, sempre em contacto com o grupo, explorando o movimento e seguindo quem se encontra na frente do corpo coletivo. Essa liderança vai sendo assumida de forma orgânica pelos participantes. Posteriormente, trocam as funções dos grupos.

REFLEXÃO DA SESSÃO

O quarto ensaio, centrou-se novamente na exploração da escuta, essencial neste Projeto. Este ensaio iniciou por abordar a conferência-performance, que foi realizada no encontro seguinte, e o grupo foi convidado a trazer objetos associados à viagem, reforçando a ligação entre o processo criativo, objetos e quotidiano.

O aquecimento coletivo, realizado em roda em contacto ombro a ombro, destacou a importância do toque como meio para a ligação e escuta entre o grupo. A sequência articular e os exercícios voz disponibilizaram o corpo e a voz, preparando os participantes para mergulharem em dinâmicas onde o som e o movimento são centrais. A leitura dos papéis com os lugares sonoros registrados na sessão anterior serviram para relembrar e dar continuidade a esse trabalho, transformando esses “lugares” em motores sonoros e imaginários para os exercícios seguintes.

Nos exercícios “portais”, os ambientes sonoros criados revelaram lugares de confusão, ruído e quotidianos, questionando o que significa ser transportado para outro espaço. O exercício “ambiente sonoro” — realizado com metade do grupo deitado no chão, de olhos fechados, a compor em conjunto uma paisagem sonora com princípio, meio e fim — mostrou-se particularmente significativo. A intensidade da escuta gerou momentos de grande concentração e beleza, sons que iam e voltavam, outros que permaneciam, criando uma base de sustentação, enquanto os corpos reagiam de formas distintas, mostrando os diferentes imaginários. A orquestra demonstrou maturidade artística, estabelecendo um diálogo entre som e silêncio, onde a espera se tornou também ação. Este momento evidenciou uma evolução em relação à sessão anterior. A escuta revelou-se mais afinada, permitindo que emergissem imagens e narrativas de encontro, perda e resgate, onde o grupo constituía um só corpo.

O último exercício, “ambiente sonoro coletivo”, trouxe uma nova dimensão ao trabalho. O grupo que produzia o som (de olhos fechados) e o grupo que interpretava o movimento mantiveram uma interdependência, apesar de não partilharem o mesmo campo visual. No

primeiro grupo a produzir movimento, destacou-se a imagem de um bando de pássaros, onde a liderança do movimento ia sendo organicamente assumida por diferentes participantes. Mesmo quando o contacto físico foi abandonado, a ligação permaneceu visível, revelando que a escuta, mais do que o toque, sustentava a coesão. No segundo grupo, surgiram imagens de árvores, rituais e caminhos partilhados, com uma forte dimensão simbólica. A linguagem não verbal foi sublinhada como elemento central. Os corpos encontraram formas de dialogar, criando um percurso comum, ainda que marcado por alguns momentos de dúvida.

Este ensaio foi fundamental para reforçar o trabalho de escuta coletiva, já feito na última sessão, como princípio estruturante do processo. As práticas propostas permitiram compreender que a improvisação não é apenas espontaneidade, mas uma forma de ação em diálogo, sustentada pela atenção ao outro, pelo silêncio e pelo inesperado. O grupo demonstrou uma capacidade crescente de criar em conjunto, sem sobreposições, afirmando a escuta como condição para que o coletivo funcione como um só organismo.

1.º CAFÉ FLUXOS - 2 DE FEVEREIRO 2025

LOCAL: Café das Artes - Meia Volta de Úrano Almada

PARTICIPANTES: 10

TÍTULO CAFÉ FLUXOS: Conferência-Performance: Projeto Fluxos

OBJETIVOS:

- Contextualizar o Projeto FLUXOS através de uma conferência-performance;
- Abordar o Movimento *Fluxus* na sua relação com a viagem;
- Explorar o *Fluxus* enquanto prática artística interdisciplinar e participativa;
- Trabalhar a partir de instruções, ações e objetos;
- Relacionar arte e quotidiano, valorizando tempo, silêncio e efémero;
- Utilizar os objetos da viagem como ponto de partida para a improvisação e criação coletiva.

EXERCÍCIOS

- **Objetos-viagem:** cada participante é convidado a explorar os objetos trazidos pelos participantes, encontrando possibilidades de relação entre eles, através de uma pequena improvisação;

- **Coleção de objetos:** os participantes procuram relações entre os objetos, para a formação de grupos;
- **Criação de dispositivos:** em cada grupo, os participantes criam um exercício com indicações, que permite vivenciar a experiência com os objetos reunidos. O exercício, uma vez planejado, é executado por outros.

REFLEXÃO CAFÉ FLUXOS

O primeiro Café Fluxos constituiu um momento de encontro e de partilha entre os participantes e o Projeto, no qual se realizaram exercícios propostos por mim e também pelos próprios participantes, em torno da temática da viagem e do Movimento *Fluxus*. A sessão iniciou com uma contextualização do Projeto em formato de conferência-performance, que funcionou como dispositivo criativo de apresentação das ideias estruturantes do trabalho (APÊNDICE II).

Seguiu-se a apresentação dos objetos-viagem trazidos por cada participante, que permitiu ancorar a prática no cotidiano e no biográfico, em consonância com os princípios fluxistas de aproximação da arte à vida e da valorização do efêmero. A diversidade dos objetos apresentados — desde os mais utilitários, como botas ou mala, até aos mais simbólicos, como um livro ou a pedra da Antártida — revelou diferentes modos de compreender e experienciar a viagem. Essa diversidade tornou-se motor para as improvisações, nas quais cada participante foi convidado a relacionar-se não apenas com o seu objeto, mas também com o conjunto, ativando memórias, relações e gestos performativos.

As improvisações deram lugar a momentos de partilha e de escuta coletiva. A exploração de texturas, sons e possibilidades de manipulação abriu espaço para um diálogo não verbal entre participantes e objetos, onde surgiram narrativas efêmeras, esculturas momentâneas e pequenos rituais de interação. A ação de um dos participantes, ao recolher todos os objetos e sair, destacou o caráter aberto e inesperado do exercício, em sintonia com a lógica fluxista de acolher o acaso como parte do processo artístico.

Na etapa final, dedicada à criação em grupo de dispositivos de jogo, consolidou a passagem do plano individual para o plano grupal. Ao propor instruções a serem realizadas por outros, os participantes colocaram-se na posição fluxista de “compositores de ações”, dissolvendo a hierarquia entre criador e intérprete e reforçando um exercício de confiança, disponibilidade e colaboração.

O primeiro Café Fluxos revelou-se, assim, fundamental para sedimentar os eixos centrais do Projeto, a viagem enquanto metáfora de deslocação física, simbólica e existencial, o objeto enquanto mediador entre experiência e criação e a escuta coletiva como princípio de composição. Para além disso, a escolha do espaço público acrescentou uma dimensão de abertura e porosidade ao processo. Quem frequenta o espaço, ao assistir com curiosidade aos exercícios e pequenas performances, tornaram-se também parte desse dispositivo expandido. Este aspeto reforça a dimensão participativa e comunitária do Projeto, onde a criação acontece não só entre participantes, mas também em diálogo com o contexto em que se inscreve.

5.º ENSAIO - 4 DE FEVEREIRO 2025

LOCAL: Ponto de Encontro - Casa Municipal da Juventude Almada

PARTICIPANTES: 14

TÍTULO DO ENSAIO: Objetos e Jogo: Do Café FLUXOS À Performance

OBJETIVOS:

- Apresentar os objetos ligados à viagem, explorando o seu valor simbólico e experiencial;
- Executar os exercícios concebidos coletivamente no Café Fluxos;
- Explorar a construção do *Kit* FLUXOS;
- Trabalhar o experimental, transportando a vivência para a ação e para a “cena”.

EXERCÍCIOS

- **Jogo da glória com objetos:** cada participante percorre um trajeto em espiral delimitado por um fio, interagindo com os objetos dispostos ao longo do caminho. O exercício convida a refletir sobre como a experiência pessoal com os objetos condiciona o imaginário, atravessando passado, presente e futuro.
- **Exercício FLUXOS:** execução dos exercícios realizados no Café FLUXOS.

REFLEXÃO DA SESSÃO

A sessão deu continuidade ao trabalho iniciado no Café Fluxos. Começou com a apresentação dos objetos trazidos pelos participantes que não tinham estado presentes no encontro anterior, seguida de uma partilha sobre as atividades realizadas no Café Fluxos, de forma a alinhar o grupo num mesmo campo de referência. O trabalho a partir dos objetos

reforçou a centralidade do quotidiano enquanto material artístico, princípio estruturante da prática *Fluxus*. Ao serem deslocados do seu uso habitual e reinscritos em contextos performativos, os objetos ganharam novas camadas de significado, tornando-se dispositivos de memória, identidade e experiência.

O exercício desenvolvido com objetos constituiu o núcleo de exploração através das relações estabelecidas com os mesmos. O percurso em espiral, delimitado por um fio, funcionou simultaneamente como metáfora da viagem com um caminho delimitado e como dispositivo de composição. Ao atravessar os objetos dispostos no espaço, cada participante foi convidado a refletir sobre a sua experiência pessoal e possibilidades, operando deslocamentos entre passado, presente e futuro. Esta prática aproxima-se da lógica fluxista de jogo e instrução, onde simples regras ativam processos criativos complexos, valorizando o acaso, a improvisação e o gesto quotidiano.

Ao executar os exercícios concebidos coletivamente no Café FLUXOS, observa-se a dissolução de hierarquias entre criador e intérprete. O gesto de “compor para o outro” reforça a dimensão participativa do Projeto, pensando a criação em dança enquanto prática relacional, processual e colaborativa.

Assim, esta sessão evidenciou que trabalhar a partir de objetos não é apenas ativar memórias individuais, mas construir um espaço partilhado onde o quotidiano se torna essencial na experiência transformando-se em ação performativa. Este processo confirma a pertinência do diálogo entre *Fluxus* e dança contemporânea, abrindo possibilidades na criação que se sustentam na escuta, na improvisação e na valorização do efémero.

6.º ENSAIO - 11 DE FEVEREIRO 2025

LOCAL: Ponto de Encontro - Casa Municipal da Juventude Almada

PARTICIPANTES: 11

TÍTULO DO ENSAIO: A Viagem do Objeto a Viagem do Corpo

OBJETIVOS:

- Desenvolver práticas de improvisação, explorando o corpo como dispositivo de criação;
- Explorar ações inspiradas na temática da viagem, enquanto metáfora de deslocamento física, simbólica e existencial;

- Operar a partir do acaso como princípio na composição;
- Retomar o trabalho sobre o mapa e o percurso, aprofundando a sua dimensão espacial e imaginária.

EXERCÍCIOS

- **Ações de viagem:** cada participante escreve uma ação de viagem num papel, as ações são penduradas no espaço e o grupo percorre o espaço executando as ações à medida que se cruza com elas.
- **Exercício fio e ações:** divididos em dois grupos cada participante tira à sorte uma ação e um percurso — um fio com determinado comprimento —, o fio é colocado no espaço e a ação é executada ao longo desse percurso, quem assiste pode intervir na ação, criando problemas ou resolvendo-os.

REFLEXÃO DA SESSÃO

Este ensaio aprofundou a investigação em torno da viagem e da improvisação como metodologia criativa, em diálogo com os princípios *Fluxus*.

No exercício, “ações de viagem”, o início foi marcado por um tempo de observação e escuta, um “ponto zero” que criou condições para que as ações emergissem de forma orgânica. Evitou-se recorrer à mimese, privilegiando-se a ação concreta. Essa fase inicial, aparentemente calma, revelou-se fundamental para a construção de um espaço de potência. Gradualmente, as interações geraram diferentes ritmos, ativando o coletivo e transformando o espaço num território comum de improvisação. A simultaneidade das ações deu origem a um campo performativo diverso, no qual múltiplos focos de viagem coexistiam.

Entre as propostas, destacou-se a ação da tentativa em guardar bolas de sabão, que evocava a efemeridade da memória e do passado, afirmando-se como um dos momentos mais poéticos da sessão. A possibilidade de intervenção por parte de quem assiste criando problemas, ou procurando resolvê-los, introduziu dinâmicas de tensão e resolução, enriquecendo a improvisação, criando foco nas ações e reforçando a importância do outro enquanto co-autor da ação.

No exercício “fio e ações”, o sorteio dos percursos e das tarefas introduziu o acaso como motor criativo, evidenciando a sua relevância enquanto princípio fluxista. Observou-se que, quando uma ação parecia esgotar-se, outra emergia em continuidade, a partir da interação com o grupo, levantando questões sobre os limites e a renovação da cena. A

utilização de objetos — como a fita cola, que restringia o movimento, ou a mala e as peças de roupa, que eram disputadas — gerou narrativas simbólicas de enredos, enleios e encontros. Esses conflitos funcionaram como motores dramáticos, por vezes imediatos e de resolução rápida, e outras vezes prolongados, exigindo tempo para se instalarem e transformarem. Assim, o tempo e a duração das ações afirmaram-se como elementos centrais na improvisação.

Este ensaio reafirmou a pertinência de trabalhar com instruções simples, objetos e percursos como dispositivos de improvisação que se abrem ao inesperado. A lógica *Fluxus* manifestou-se no acaso como matéria criativa e na valorização da escuta coletiva como princípio de composição.

7.º ENSAIO - 18 DE FEVEREIRO 2025

LOCAL: Ponto de Encontro - Casa Municipal da Juventude Almada

PARTICIPANTES: 16

TÍTULO DO ENSAIO: Relação da Viagem com a Espera

OBJETIVOS:

- Desenvolver exercícios de improvisação;
- Explorar ações relacionadas com a viagem, em particular a espera;
- Criar material que sirva como início de uma improvisação estruturada.

EXERCÍCIOS

- **Viagem do sono:** em grupos, um dos participantes deita-se de olhos fechados e os restantes mobilizam o colega numa viagem;
- **Posturas de espera:** em pares, um dos participantes conduz o movimento do parceiro até uma posição de espera e regista-a no papel de cenário, repete o processo várias vezes, depois trocam de função.
- **Desenho:** improvisação a partir dos registos das posições registadas no papel de cenário;
- **Memória:** improvisação a partir da memória das posições.

REFLEXÃO DA SESSÃO

A sessão desenvolveu-se em torno da relação entre a viagem e a ação de esperar, explorando-a através da improvisação e da manipulação do corpo em pares e em grupo.

O aquecimento, marcado por jogos de grupo, reforçou a consciência coletiva e a atenção ao outro. A prática de jogos em que o grupo tinha de trabalhar em conjunto para atingir o objetivo instaurou um sentido de interdependência, disponibilidade e ligação, aspetos centrais no trabalho plural que tem vindo a ser desenvolvido. Estas dinâmicas criaram uma base comum de confiança e presença, indispensável para a exploração dos exercícios seguintes.

O exercício da “viagem do sonho” proporcionou momentos de proximidade e conforto entre os participantes, revelando gestos espontâneos como abraços e outras formas de encontro, que ampliaram o imaginário e a dimensão poética da prática. A viagem conduzida pelo grupo funcionou como exercício de improvisação e como forma de preparar o corpo para os exercícios seguintes.

O trabalho desenvolvido a partir das posturas relacionadas com a espera, inicialmente registadas em papel de cenário, possibilitou um olhar sobre a imobilidade na ação, a imobilidade da espera, num trabalho sobre o corpo e os seus trajetos. Ao passarem pelas posições desenhadas, os participantes exploraram a noção de caminho, procurando compreender as linhas que conduziam a cada destino. Este processo trouxe à superfície a ideia da espera enquanto percurso, não apenas como suspensão, mas como deslocamento em direção a algo.

Quando a improvisação passou a apoiar-se apenas na memória destas posições, surgiram novas possibilidades. As posturas já não eram representações fixas, mas pontos de partida para relações expandidas entre corpos. A ausência do desenho permitiu que os intérpretes encontrassem novas formas, explorando diferentes planos e deixando que as posturas de espera do outro se tornassem extensões do seu próprio corpo.

Assim, esta sessão revelou-se particularmente significativa aprofundando a pesquisa sobre a viagem e a espera, não só enquanto ações físicas e simbólicas, mas também como metáforas de relação e escuta no coletivo.

BANQUETE FLUXOS - 20 DE FEVEREIRO 2025

LOCAL: Ponto de Encontro - Casa Municipal da Juventude Almada

PARTICIPANTES: 14

TÍTULO BANQUETE FLUXOS: Projeto à Volta da Mesa

OBJETIVOS:

- Reunir o grupo fora do contexto dos ensaios para fortalecer vínculos interpessoais;
- Partilhar experiências individuais e coletivas em torno da refeição;
- Criar um espaço de diálogo sobre o Projeto e o seu impacto em cada participante;
- Promover a escuta mútua e o reconhecimento das diferentes perspectivas dentro do processo criativo;
- Consolidar o sentido de comunidade e pertença no grupo.

REFLEXÃO BANQUETE FLUXOS

O Banquete FLUXOS revelou-se um momento essencial no percurso do Projeto, pela possibilidade de reunir o grupo fora do espaço habitual de ensaio. Este encontro, realizado à volta da mesa e de um jantar partilhado, permitiu criar um momento de proximidade e descontração que favoreceu as relações dentro do grupo.

O facto de cada participante contribuir para a refeição reforçou o carácter colaborativo do Projeto, transpondo para um contexto quotidiano. Este gesto simples potenciou um sentimento de corresponsabilidade e pertença, reforçando laços interpessoais que se refletem diretamente no processo deste Projeto.

Este encontro reforçou a importância de criar momentos de pausa e convívio no processo criativo, ao proporcionar um espaço de encontro informal que contribuiu para o fortalecimento do grupo enquanto comunidade artística e humana, consolidando a sua dimensão plural.

2.º CAFÉ FLUXOS - 23 DE FEVEREIRO 2025

LOCAL: Café das Artes - Meia Volta de Úrano Almada

PARTICIPANTES: 10

TÍTULO CAFÉ FLUXOS: Exercícios *Fluxus* - Instrução e Operacionalização

OBJETIVOS:

- Responder ao exercício de Ken Friedman, *Explaining Fluxus in five minutes or less, using a few simple props* (1986);

- Explorar a relação entre objeto e significado, criando narrativas e ações colaborativas a partir de objetos utilizados nos ensaios;
- Desenvolver dispositivos de jogo e instruções que sirvam de base à criação de material performativo.

EXERCÍCIOS

- **Exercício de Ken Friedman:** explicar o Projeto FLUXOS a partir de um objeto — *Explaining Fluxus in Five Minutes or Less, Using a Few Simple Props* (1986), publicado em *The Fluxus Performance Workbook* (Friedman, Smith, et al., 2002, p. 43);
- A partir deste modelo, propôs-se aos participantes que apresentassem o Projeto FLUXOS em cinco minutos ou menos, recorrendo a objetos utilizados nos ensaios. Organizados em pequenos grupos, os participantes selecionaram um objeto e desenvolveram uma breve apresentação performativa, posteriormente apresentada;
- **Partitura do mapa:** criar um dispositivo de jogo com indicações a partir de um dos mapas elaborados no primeiro ensaio;
- Neste segundo exercício, cada participante escolheu um dos mapas produzidos na primeira sessão. A partir desse material, foi solicitado que criassem um dispositivo de jogo, com indicações claras e simples, inspirado no respetivo mapa.

REFLEXÃO CAFÉ FLUXOS

Esta sessão teve como eixo central executar exercícios inspirados na prática *Fluxus*, com destaque para a instrução de Ken Friedman. O desafio consistiu em transpor esta lógica para o contexto do Projeto FLUXOS, utilizando objetos e mapas previamente executados nos ensaios, numa dinâmica que evidenciou a importância da colaboração, da experimentação e da resignificação de materiais.

No primeiro exercício, os grupos apresentaram soluções distintas, que revelaram diferentes modos de traduzir a identidade do Projeto através dos objetos. O grupo que escolheu o novelo realizou o jogo tradicional cama de gato, demonstrando como uma prática coletiva e lúdica pode ilustrar o caráter colaborativo e transformador do Projeto. O grupo da lâmpada vermelha explorou múltiplos sentidos atribuídos ao objeto, pedindo também ao público para dar sentidos e significados ao objeto, reforçando o valor da escuta e da construção de significados. O grupo da lanterna enfatizou a ideia de iluminar o invisível, de dar tempo e foco ao que passa despercebido, retratando o modo como o Projeto opera. Já o grupo das bolas de sabão trabalhou a efemeridade, relacionando a fragilidade do material

com o caráter experimental e lúdico das ações desenvolvidas. Estas quatro abordagens diferentes, mas complementares, revelaram a potência de partir de objetos simples para gerar leituras complexas e plurais.

O segundo exercício, centrado na criação de dispositivos de jogo a partir dos mapas, cada grupo construiu estruturas de improvisação que oscilaram entre a lógica de jogo e a de performance, incluindo percursos labirínticos, ações em série, repetições até à exaustão e *quizzes*. Estas propostas mostraram como os mapas se transformaram em ferramentas de invenção, capazes de gerar novos contextos de ação e de performance.

A sessão confirmou a relevância de integrar o espírito *Fluxus* no processo criativo, valorizar a simplicidade dos materiais, privilegiar a colaboração e explorar a transformação constante dos significados. Ao mesmo tempo, foi possível observar como os participantes assumiram diferentes estratégias de criação, desde a apropriação de jogos pré-existentes até à invenção com dispositivos originais.

Esta sessão revelou-se, assim, fundamental para a operacionalização do Projeto, não apenas pelo material gerado, mas também por consolidar práticas de colaboração e de jogo que atravessam todo o percurso criativo do FLUXOS.

8.º ENSAIO - 25 DE FEVEREIRO 2025

LOCAL: Ponto de Encontro - Casa Municipal da Juventude Almada

PARTICIPANTES: 14

TÍTULO DO ENSAIO: Viagem em Ações: Exercícios de Composição

OBJETIVOS:

- Explorar as ações da viagem descritas pelos participantes;
- Criar narrativas a partir das ações individuais e coletivas;
- Desenvolver as ações a partir da experiência concreta e do trabalho em grupo;
- Experimentar e aperfeiçoar os exercícios concebidos no Café FLUXOS.

EXERCÍCIOS

- **Ações de viagem:** composição com as ações da viagem descritas pelos participantes;
- Escolher uma ação;

- Executar e afirmar essa ação;
- **Exercícios FLUXOS:** execução dos exercícios desenvolvidos no Café FLUXOS:
- Revisitar as propostas criadas coletivamente;
- Explorar novamente cada exercício, aprofundando possibilidades;
- Refletir sobre como os exercícios se transformam quando repetidos em novos contextos.

REFLEXÃO DA SESSÃO

Este ensaio partiu de ações de viagem concretas dadas pelos participantes, o processo desenrolou-se num espaço entre a experiência individual e a construção coletiva, onde cada gesto se transformava numa narrativa partilhada.

No primeiro exercício, a dinâmica ficou marcada por uma escuta atenta, cada participante precisava de decifrar a ação em curso antes de se inserir nela, evitando impor uma proposta contraditória. Este mecanismo gerou uma qualidade de espera e suspensão, em que a entrada no espaço era tanto um gesto de observação como de ação.

Posteriormente e em grupos, os participantes realizaram os dispositivos desenvolvidos no Café Fluxos, jogos com indicações coletivas de composição. O primeiro grupo explorou a coexistência de ações independentes num espaço inicialmente claustrofóbico, que se expandia ao alargar os limites.

O segundo grupo incorporou elementos de canto e de jogo com quem assiste, desenhando um percurso de passagem e perguntas. O ato de cantar como condição para avançar trouxe uma dimensão ritual, em que a viagem se construía por etapas, cada uma mediada pela relação entre intérpretes e observadores. A relação com o novelo, trouxe a sensação de aprisionamento e interdependência, reforçando a ideia de viagem não apenas como deslocação no espaço, mas como transformação do estado do corpo.

O terceiro grupo, deu lugar a um jogo de imitação, pausa e exaustão. O *loop* de ações imitadas, levadas até ao limite físico, sublinhou a importância do tempo e da resistência como materiais de composição. Esta insistência no gesto, até à queda e ao descanso, produziu uma dramaturgia da repetição que se aproxima do espírito *Fluxus*, onde o banal é elevado a ação performativa, o corpo confrontado com a duração até à exaustão, e a impossibilidade de fixar a cena numa forma definitiva.

O ensaio destacou a viagem não apenas como deslocação, mas como processo de transformação contínua das ações. A experiência coletiva revelou que, mais do que criar narrativas lineares, o exercício permitiu que as ações se tornassem mutáveis, abertas ao inesperado e à negociação entre corpos. Esta abertura, característica do Movimento *Fluxus*, reforça a noção de que a criação coreográfica pode emergir não da imposição de uma forma, mas da escuta e do jogo.

9.º ENSAIO - 11 DE MARÇO 2025

LOCAL: Ponto de Encontro - Casa Municipal da Juventude Almada

PARTICIPANTES: 16

TÍTULO DO ENSAIO: Viajar: Desejos, Medos e Partitura de Improvisação

OBJETIVOS:

- Fazer uma composição escrita em coletivo sobre os motivos que nos levam a viajar e sobre os medos associados a viajar;
- Escrever individualmente um texto a partir da composição coletiva, partilhando experiências do grupo;
- Experimentar um quadro de improvisação a partir das ideias reunidas nos textos;
- Pensar e estruturar a partitura de improvisação que expresse as reflexões do processo.

EXERCÍCIOS

- **Leitura performativa:**
 - Leitura individual dos textos;
 - Leitura a pares: um lê, o outro dá corpo ao texto.
- **Estrutura de improvisação:**
 - Posições de espera;
 - Leitura e interpretação dos textos;
 - Colocar os sapatos para viajar (andar, início da viagem);
 - Bando de pássaros: metade do grupo produz som, a outra metade cria movimento.
- **Exercícios FLUXOS:**
 - O fio (potencialidade de transformação do objeto);
 - A lanterna (iluminar e dar foco);
 - Bolas de sabão (viagem efémera).

REFLEXÃO DA SESSÃO

Neste ensaio trabalhamos a relação entre escrita e corpo a partir da improvisação, tendo como temática central a viagem, os seus desejos e os seus medos. Os objetivos propostos — compor coletivamente, escrever individualmente, experimentar quadros de improvisação e pensar a partitura final — guiaram a sessão, mas foram sobretudo os momentos de escuta e de experimentação que abriram espaço para novas descobertas.

Iniciamos com uma conversa sobre a estética da apresentação destacando a importância de trabalhar com o inesperado, de escutar e de dar tempo ao que surge, princípios que se revelaram fundamentais ao longo de todo o ensaio. A criação da composição coletiva escrita sobre as motivações e receios ligados à viagem funcionou como um ponto de encontro, estabelecendo um imaginário comum. A escrita individual, realizada posteriormente ampliou esse material, trazendo a experiência de cada intérprete para dentro da dinâmica coletiva.

O aquecimento — corpo e voz — permitiu ligar movimento e palavra, potencializando a escuta para além da imitação literal, convocando o grupo para uma atenção sobre a sonoridade e ao ritmo do texto.

Nos exercícios, a leitura a pares permitiu colocar a voz e o corpo em diálogo, sem cair na mimese do texto, de forma a surgir uma dimensão de estranhamento produtivo, onde as palavras puderam ser ouvidas “como se fosse a primeira vez”. Esta atitude abriu um espaço de frescura e imprevisibilidade que se manteve nos momentos seguintes.

A primeira experiência com a estrutura de improvisação trouxe a consciência de que a espera já é parte da viagem. As posições de espera distribuídas no espaço geraram atmosferas contrastantes — algumas contemplativas, outras inquietas — evidenciando a pluralidade de modos de estar no mesmo “lugar de partida”. A leitura dos textos, feita sem ordem prévia, criou uma cadência irregular e orgânica, marcada pela disponibilidade para experienciar o instante. A relação entre quem lia e quem dava corpo e movimento ao texto aprofundou a dimensão coletiva do processo, permitindo que a palavra ganhasse novos significados a partir do corpo.

O gesto de calçar os sapatos introduziu um objeto concreto que funcionou como ritual de preparação para a viagem. Este momento reforçou a ideia de conforto, deslocamento e prontidão. Em seguida, a criação de ambientes sonoros coletivos, combinada com o movimento do grupo, instaurou a sensação de viagem partilhada, na qual cada intérprete se

apropriou das experiências dos outros através da improvisação e da contaminação entre os gestos e o som.

O encerramento, com a revisitação das propostas do Café Fluxos (fio, lanterna, bolas de sabão), serviu como ponte entre o material já explorado e a continuação da criação da estrutura de apresentação. A reflexão coletiva final sublinhou a importância de cada intérprete ter uma voz ativa no processo, garantindo que a partitura de improvisação se construa de forma orgânica, alimentada tanto pelas experiências individuais quanto pelas coletivas.

Resumindo, este ensaio reforçou a importância de trabalhar a partir do concreto para ressignificar as ações propostas, princípio que se consolidou na criação desta peça. Foi também neste momento que começámos a delinear, de forma prática, a estrutura de improvisação que servirá de base à apresentação final, dando os primeiros contornos ao esqueleto da obra.

10.º ENSAIO - 18 DE MARÇO 2025

LOCAL: Ponto de Encontro - Casa Municipal da Juventude Almada

PARTICIPANTES: 17

TÍTULO DO ENSAIO: Primeiros Contornos da Estrutura: Experimentar e Estruturar

OBJETIVOS:

- Experimentar, pensar e esboçar a estrutura de improvisação que servirá de base à apresentação final;
- Explorar a relação entre diferentes materiais (texto, corpo, objeto e som);
- Refletir sobre a articulação entre prática improvisada e construção estética da peça.

EXERCÍCIOS

- **Estrutura de improvisação:** processo de construção
 - Todos os intérpretes no público (quem é público ? quem é performer ?)
 - Os intérpretes vão se colocando nas posições de espera (em cena)
 - Leitura dos textos mais corpo (ordem aleatória)
 - Calçar os sapatos (dar início à viagem)
 - Caminhada coletiva
 - Caminhada individual

- Pássaros mais orquestra sonora
- Fios da viagem (percursos e possibilidades)
- Viagem em *Loop*

REFLEXÃO DA SESSÃO

Este ensaio foi dedicado à experimentação e à elaboração do esboço da estrutura de improvisação que servirá de base para a apresentação final. Logo no início, voltou a ser abordada a questão da estética, reafirmando-se a escolha de trabalhar a partir do concreto e da ação concreta, em detrimento da mimese. Esta opção, ancorada na influência do Movimento *Fluxus*, permitiu abrir o gesto para múltiplos entendimentos e camadas poéticas, em vez de se fixar em representações literais. A estética pensada para a obra afirma-se, assim, de forma unificada, ainda que construída dentro de uma lógica de cocriação. Nesse sentido, a experimentação, o acaso e a espontaneidade funcionaram como veículos, valorizando a efemeridade, a singularidade e a simplicidade, negando a obra enquanto produto fechado.

No plano prático, retomou-se a estrutura de improvisação delineada no ensaio anterior, adicionando novos momentos. De forma geral, todos os momentos se integram de modo coerente, criando uma sequência que começou a evidenciar a lógica da futura partitura. Contudo, ficou clara a necessidade de trabalhar com mais atenção às transições entre momentos, de modo a garantir fluidez e continuidade performativa. O exercício da “viagem em *loop*”, revelou-se menos eficaz, sobretudo pela quantidade de intérpretes envolvidos, o que sobrecarregou a dinâmica e comprometeu a clareza da proposta. Esse ponto será, portanto, revisto ou eventualmente substituído em ensaios futuros.

Do ponto de vista processual, este ensaio consolidou um percurso de construção coletiva em que todos os intérpretes tiveram espaço para falar sobre a estrutura. Apesar disso, a multiplicidade de participantes introduziu algumas dificuldades na implementação de todas as ideias e vontades, o que exigiu um esforço constante de negociação. Enquanto criadora responsável pelo Projeto, reconheço a importância de manter aberto o diálogo, mas também a necessidade de exercer uma voz final que permita fechar e organizar a estrutura de improvisação. Esta tensão entre horizontalidade criativa e definição autoral tornou-se evidente neste ensaio.

Este encontro marcou um avanço significativo no desenho da estrutura performativa, ainda não definitiva, mas já enraizada numa lógica de experimentação e de coautoria. Foi possível perceber que a peça caminha no sentido de uma partitura de improvisação que

assume a simplicidade, a efemeridade e a singularidade como princípios estéticos e de organização fundamentais.

11.º ENSAIO - 25 DE MARÇO 2025

LOCAL: Ponto de Encontro - Casa Municipal da Juventude Almada

PARTICIPANTES: 17

TÍTULO DO ENSAIO: Estrutura de Improvisação

OBJETIVOS:

- Consolidar a estrutura de improvisação;
- Experimentar diferentes dinâmicas e variações dentro da estrutura proposta;
- Definir e fechar decisões relativas à organização e estrutura da performance;
- Integrar momentos de feedback contínuo ao longo da sessão, promovendo reflexão e ajustamentos coletivos.

EXERCÍCIOS

- **Estrutura de improvisação**

REFLEXÃO DA SESSÃO

Este ensaio permitiu consolidar a estrutura de improvisação para a apresentação final. Durante a sessão testamos diferentes dinâmicas de leitura, movimento e som e afinamos decisões práticas e estéticas que asseguram a coerência da obra.

Inicialmente observamos o mapa mental da estrutura de improvisação para que o grupo tivesse uma visão do percurso performativo, possibilitando esclarecer dúvidas sobre os próximos ensaios e sobre a apresentação. Este enquadramento foi essencial para alinhar expectativas e para reforçar a noção de que, apesar da improvisação ser o motor criativo, há uma necessidade de organização que permita orientar a experiência coletiva.

Durante a prática, testamos diferentes possibilidades em relação aos textos, leituras individuais, leituras em simultâneo e polifonias que criaram sobreposições de vozes e camadas de sentido. Por fim, decidimos que este momento iria iniciar no silêncio, um compasso de espera inicial, seguido pela entrada progressiva de mais vozes, até que a densidade textual se tornasse difícil de decifrar, abrindo espaço a novas perceções.

Debateram-se também aspectos mais concretos, como a escolha de quem inicia a leitura ou a definição de uma partitura para organizar entradas e saídas, reconhecendo a importância de encontrar um equilíbrio entre liberdade e estrutura.

Outro ponto fundamental foi a reafirmação de que a peça não deve recorrer a personagens, mas sim a ações realizadas pelos intérpretes em primeira pessoa, em sintonia com os princípios *Fluxus*. A autenticidade do gesto, mais do que a sua representação, foi valorizada como critério estético. A interação entre quem lia e quem se movia, mostrou-se um elemento capaz de enriquecer a composição e trouxe diferentes propostas na ocupação do espaço.

Posterior a esse momento dos textos e movimento seguiu-se a procura e do sapatos, para que a viagem desse início. Ao experimentar calçar sapatos que não pertenciam a si próprios, os intérpretes foram conduzidos a um território de deslocamento e estranhamento, expandindo o conceito de viagem. A procura coletiva pelo par perdido trouxe uma dimensão genuína e não-encenada, reforçando a força poética do gesto simples.

Na parte final, com a divisão em dois grupos, ambiente sonoro e movimento, consolidou a ideia de partilha e coautoria. A dinâmica de imitação e de liderança rotativa, semelhante ao comportamento de um bando de pássaros, criou uma sensação de fluxo contínuo, intensificando a relação entre corpo e som. A escolha coletiva sobre quem integrava cada grupo reforçou a horizontalidade do processo, ainda que acompanhada pela necessidade de orientações para garantir coesão.

Apesar de a estrutura não estar ainda completamente fechada, este ensaio foi decisivo para consolidar os diferentes momentos já existentes e definir pontos-chave da partitura performativa. A proximidade da apresentação final trouxe urgência às decisões, mas também permitiu compreender que o trabalho caminha de forma sólida para a unificação de materiais e propostas. Esta sessão deu início à fase de transição, onde terminou a fase de experimentação para a formalização da estrutura final, mantendo, contudo, a efemeridade, a espontaneidade e a simplicidade como pilares do processo de trabalho.

12.º ENSAIO - 30 DE MARÇO 2025

LOCAL: Sede da Associação Cultural o Mundo do Espetáculo

PARTICIPANTES: 17

TÍTULO DO ENSAIO: Estrutura de Improvisação

OBJETIVOS:

- Partilhar com o grupo a totalidade da estrutura de improvisação prevista para a apresentação final;
- Esclarecer dúvidas relativas à organização, dinâmica e execução da estrutura;
- Experimentar e consolidar todos os momentos da estrutura que ainda não tinham sido trabalhados em ensaios anteriores.

REFLEXÃO DA SESSÃO

Este ensaio surge como um ensaio extra devido à falta de tempo até a apresentação final e possibilitou a consolidação e a experimentação quase integral da estrutura de improvisação prevista para a apresentação final. A etapa inicial — marcada pela montagem do espaço cénico, pela seleção de figurinos e pela colocação da partitura de improvisação em suporte visual — foi fundamental para reforçar a consciência coletiva sobre a organização dramaturgica e sobre a estética orientadora da peça.

Durante a prática, verificou-se a necessidade de clarificar determinados aspetos operativos, tais como a proveniência dos textos, a ocupação das posições de espera e a articulação entre leitura e movimento. Estes elementos de natureza prática têm impacto direto na coerência estética do trabalho, uma vez que condicionam a perceção do público e a unidade da cena. Paralelamente, a exploração de transições entre momentos — cena dos textos, do sapato, dos pássaros, dos fios e das lanternas — revelou a riqueza expressiva da proposta, ainda que exija um exercício constante de escuta e de atenção assegurando uma composição coesa.

Apesar de não ter sido possível percorrer a totalidade da partitura do início ao fim, o ensaio solidificou os materiais criativos, ao mesmo tempo que apontou a necessidade de pequenos ajustamentos para garantir a fluidez da performance. Nesta fase do processo, torna-se evidente que a estrutura se encontra num ponto de maturação em que as decisões finais começam a ganhar contornos definidos, sem comprometer o carácter colaborativo, improvisado e efémero que constitui a matriz estética do Projeto.

ENSAIO ABERTO - 01 DE ABRIL 2025

LOCAL: Ponto de Encontro - Casa Municipal da Juventude Almada

PARTICIPANTES: 17

TÍTULO DO ENSAIO: Ensaio Aberto

OBJETIVOS:

- Apresentar publicamente, pela primeira vez, a totalidade da estrutura de improvisação;
- Observar a recepção do público e recolher *feedback* externo sobre a proposta artística;
- Refletir individual e coletivamente sobre a experiência performativa, registrando impressões dos intérpretes;
- Testar a fluidez da estrutura de improvisação do início ao fim em contexto de apresentação.

REFLEXÃO ENSAIO ABERTO

O ensaio aberto representou um marco significativo no Projeto, na medida em que permitiu, pela primeira vez, a execução integral da estrutura de improvisação em condições de apresentação pública. Apesar da reduzida afluência de público — consequência do horário do ensaio — a sessão revelou-se de grande importância, pois possibilitou aceder a um olhar externo sobre o trabalho desenvolvido. O *feedback* recebido foi amplamente positivo, reforçando a pertinência do Projeto participativo e do encontro com a temática da viagem e das opções estéticas e a coerência da estrutura performativa.

Para além da recepção externa, a sessão incluiu também um momento de reflexão escrita por parte dos intérpretes, favorecendo uma consciência crítica sobre o percurso criativo e sobre a experiência de improvisação em contexto de partilha. O facto de a estrutura ter sido realizada integralmente, sem interrupções, constituiu um avanço substancial no processo, consolidando os materiais experimentados em ensaios anteriores e testando a sua eficácia em cena.

Em síntese, este ensaio aberto confirmou a maturação do Projeto e evidenciou a importância da presença do público como elemento ativo no processo de criação, funcionando como espelho e validação do trabalho artístico.

13.º ENSAIO - 08 DE ABRIL 2025

LOCAL: Ponto de Encontro - Casa Municipal da Juventude Almada

PARTICIPANTES: 17

TÍTULO DO ENSAIO: Estrutura de Improvisação

OBJETIVOS:

- Rever e consolidar a estrutura de improvisação na sua totalidade, integrando ajustes finais;
- Afinar a interpretação dos diferentes segmentos performativos (textos, objetos, posições de espera, pássaros, fios e lanternas), com foco na escuta, na verdade das ações e na unidade estética;
- Dar notas específicas aos intérpretes sobre presença, tempo, qualidade de movimento e relação com o som, a palavra e os objetos;
- Reforçar a estética da obra baseada na simplicidade, na espontaneidade e na ressignificação das ações quotidianas.

REFLEXÃO DA SESSÃO

Este ensaio funcionou como revisão técnica e dramaturgica da estrutura de improvisação antes da apresentação final. A sessão permitiu identificar detalhes fundamentais relativos à ordem das ações, à presença dos intérpretes e ao modo como cada cena se articula com a seguinte, garantindo que a performance se mantém orgânica e coerente.

O trabalho aprofundado sobre a cena dos textos, a procura e o ritual do sapato, bem como as dinâmicas da orquestra e dos fios, revelou a importância da escuta e da autenticidade no gesto, elementos que se afirmam como centrais na estética do Projeto. A interação com o público foi igualmente ensaiada, reforçando a necessidade de criar uma relação direta e verdadeira, sem recorrer à representação.

Embora se trate ainda de um momento preparatório, este ensaio evidenciou a maturação do processo e a clareza crescente da estrutura performativa. Os ajustes realizados demonstram a atenção ao detalhe e à construção estética, ao mesmo tempo que preservam o carácter improvisado, efémero e colaborativo que orienta a criação.

PERFORMANCE - 11 DE ABRIL 2025

LOCAL: Ponto de Encontro - Casa Municipal da Juventude Almada

PARTICIPANTES: 17

TÍTULO: *Para Onde Vamos? Como Vamos? Vamos?!*

OBJETIVOS:

- Apresentar publicamente a estrutura de improvisação desenvolvida ao longo do processo criativo, afirmando a estética definida para o Projeto.
- Partilhar com o público uma experiência performativa centrada na escuta, na espontaneidade e na resignificação de ações concretas.
- Testemunhar a viagem coletiva construída em regime de cocriação e horizontalidade nas relações artísticas, valorizando o contributo singular de cada intérprete.
- Concluir o percurso de investigação prática, consolidando a performance enquanto resultado efêmero e singular do processo criativo.

Em síntese, o processo revelou-se um espaço de experimentação contínua, marcado pela colaboração, pela atenção ao acaso e pela valorização do presente como matéria criativa. Através das práticas desenvolvidas, desde os jogos e partituras até aos momentos de partilha, foi possível construir uma dinâmica de grupo assente na escuta, na corresponsabilidade e na abertura ao imprevisto. Esta etapa preparou o terreno para a performance *Para Onde Vamos? Como Vamos? Vamos?!*.

3.2. A PERFORMANCE: PARA ONDE VAMOS? COMO VAMOS? VAMOS?!

A performance constituiu uma parte importante deste Projeto. No entanto, o seu principal foco nunca esteve na apresentação final em si, mas sim em todo o processo desenvolvido e nos mecanismos de criação que emergiram do encontro entre a composição coreográfica e o Movimento *Fluxus*.

Embora a performance não fosse o objetivo central, acabou por levantar questões relevantes para o Projeto e para a investigação — nomeadamente, como articular todos os dispositivos de jogo num único objeto final que refletisse o percurso coletivo e no qual todos os participantes se reconhecessem.

A performance desenvolveu-se a partir da colagem e reorganização dos dispositivos criados ao longo do Projeto, reativados numa partitura composta por ambientes performativos definidos por indicações e regras. Estas orientações estruturaram uma dramaturgia aberta, permitindo o equilíbrio entre estrutura e liberdade. A improvisação, o acaso e a espontaneidade mantiveram-se como elementos centrais, refletindo a essência do processo criativo e encontrando também espaço na apresentação que encerrou o Projeto.

Desta forma, podemos compreender esta performance como um acontecimento efêmero, nunca haverá uma igual a outra, mesmo que a estrutura-base se mantenha. Cada repetição da partitura dá origem a novos significados e descobertas, em coerência com a lógica de experimentação que acompanhou todo o Projeto.

Este subcapítulo apresenta uma reflexão sobre a fase final do Projeto — a performance FLUXOS — evidenciando os métodos de montagem da partitura, as escolhas estéticas da obra e o contexto de apresentação. Inclui ainda a ficha artística, reconhecendo todos aqueles que contribuíram para a concretização deste momento de partilha e celebração de um trabalho coletivo, que foi calorosamente recebido pelos participantes e pelo público.

3.2.1. PARTITURA DE IMPROVISAÇÃO

A partitura de improvisação criada para esta performance resultou da composição dos diversos materiais desenvolvidos ao longo do Projeto. A sua construção pode ser entendida como um processo de costura ou colagem de diferentes dispositivos criativos, reunidos de forma a criar uma estrutura coerente que, apesar de organizada, mantinha espaço para o acaso, para a espontaneidade e para a liberdade do intérprete.

Enquanto coreógrafa e mediadora, selecionei os momentos para a sequência que estruturam a partitura, a partir dos materiais desenvolvidos nos Ensaios FLUXOS. Apesar de ter sido eu a selecionar os momentos, as decisões foram discutidas e negociadas com os participantes. Esta metodologia colaborativa permitiu construir uma obra simultaneamente pessoal e coletiva, que parte da partilha contínua de ideias, na escuta e na experimentação em coletivo.

A composição da partitura partiu do *Kit FLUXO* — mala que continha materiais criados ao longo do processo, com potencial performativo. Estes elementos, produzidos de forma colaborativa, podiam ser ativados a qualquer momento, tanto pelos criadores originais como por outros participantes. A dramaturgia desenvolveu-se em torno da temática da viagem, entendida não apenas como conteúdo da performance, mas como metáfora do próprio percurso criativo — um processo de descoberta, aprendizagem e valorização do presente.

A estrutura funcionava como um mapa orientador, composto por instruções e gatilhos criativos que definiam direções e propostas de ação, mas deixavam espaço para múltiplas possibilidades. Desta forma, a partitura mantinha uma organização clara, sem perder a abertura necessária à improvisação, à escuta e ao acaso.

A coerência entre os performers manteve-se através da relação entre as instruções e a dramaturgia. Cada intérprete partilhava o mesmo conjunto de indicações, compreendidas como pontos de partida abertos à interpretação pessoal, mas enquadrados numa lógica comum que orientava o ritmo e o sentido de cada momento.

A partitura não funcionava como uma coreografia fixa, mas como um sistema vivo, no qual cada performer podia responder de forma sensível e espontânea às indicações, ao espaço e ao grupo. O corpo foi o principal mediador deste processo — um corpo atento, permeável ao som, ao ambiente e ao outro — transformando cada apresentação num acontecimento único e irrepetível.

De forma a aprofundar o que esteve por detrás da performance final, apresento, em seguida, a partitura completa, com todos os momentos, e explico a origem e a lógica dos materiais que a compuseram, tornando mais evidente o diálogo constante entre o processo de criação e a performance apresentada.

A performance tem início no momento em que o público começa a entrar no espaço. Nesse instante, os performers encontram-se nas escadas que dão acesso à sala, ocupando esse lugar de espera de diferentes formas, a partir da indicação “espera”. Enquanto o público sobe as escadas e aguarda pelo início da apresentação, performers e espectadores partilham o mesmo tempo e espaço de suspensão. A presença do público é essencial — sem ela, a ação não se desenrola. Esta espera pelo início da viagem só ganha sentido com a sua participação, pois é nesse encontro entre quem chega e quem já lá está que a performance verdadeiramente começa.

Antes de entrar, o público foi convidado a descalçar-se, num gesto simbólico que marcava a entrada noutra viagem. Este ritual reforçava a dimensão sensorial e experiencial da performance, convidando cada pessoa a adotar uma postura mais disponível e participativa.

A indicação “espera” surgiu durante os Ensaios FLUXOS, num exercício em que os participantes foram convidados a escrever ações associadas ao tema da viagem. O foco recaiu sobre o ato de esperar — como é que o corpo é ocupado por essa ação e o que é que significa, para cada intérprete, “estar à espera”. A partir desta reflexão, abrem-se múltiplas possibilidades de ação, revelando gestos, posturas e estados distintos que compõem este primeiro momento da performance.

Na cena seguinte, performers e público continuam a partilhar esse estado de espera, até que se inicia um novo momento, a leitura dos textos. A ordem de leitura é parcialmente estruturada — sabe-se quem começa e quem termina —, mas a sequência intermédia é aleatória, mantendo o princípio da imprevisibilidade presente ao longo de todo o trabalho. Os textos surgiram a partir de um exercício dos Ensaios FLUXOS, em que os participantes responderam a duas perguntas: “O que te leva a viajar?” e “Quais os medos associados à viagem?”. A partir dessas respostas, cada participante escreveu um texto pessoal, inspirado no mapa coletivo criado em grupo.

Posteriormente, estes textos foram trabalhados em pares, um intérprete lia o texto enquanto o outro explorava o movimento inspirado não pelo significado das palavras, mas pela sua sonoridade. Muitas vezes, sem intenção, o gesto acabava por atribuir novos sentidos ao texto, criando camadas de leitura entre voz e corpo. Esta cena marca o início concreto da viagem, trazendo reflexões sobre os impulsos e os medos que acompanham o ato de ir.

Na terceira cena, os intérpretes exploram o início do movimento da viagem, a procura do sapato que lhes serve. Sobre um chão coberto por sapatos de diferentes tamanhos e formas, cada performer parte à procura do seu. Este momento performativo surgiu de um objeto trazido por um dos participantes — uma bota, associada a longas caminhadas, resistência e meditação. A partir deste objeto foram criados vários dispositivos, entre eles, um em que se caminhava com apenas um sapato. Na performance, essa proposta transformou-se em poesia: uma caminhada coletiva, onde todos os intérpretes formam um corpo comum, na procura simbólica pelo seu par e pela sua viagem.

Após esta procura, o grupo reúne-se e senta-se. De forma quase ritual, todos tiram o sapato e dividem-se em dois grupos, um responsável por criar o ambiente sonoro coletivo da viagem, e outro por dar corpo a esse ambiente, movendo-se a partir de uma estrutura em “V”, seguindo sempre o movimento de quem está na ponta. Este momento evidencia a relação entre som e corpo, entre o coletivo e o individual, e simboliza a criação de uma paisagem comum — o espaço sonoro e físico da viagem partilhada.

Posteriormente, o grupo depara-se com uma mala, dentro dela são retirados dezenas de fios de diferentes tamanhos. Cada intérprete escolhe um ao acaso e é convidado a habitar o percurso desse fio, explorando o espaço e o movimento. A cena inspira-se num exercício realizado nos Cafés FLUXOS, em que os participantes foram convidados a

representar o Projeto através de um objeto. Um dos grupos escolheu o novelo, explorando as suas múltiplas possibilidades e significados.

Neste momento performativo, o fio torna-se metáfora da procura de sentido e do percurso individual e coletivo, numa viagem que se constrói pelo acaso e pela descoberta. No decorrer da cena os intérpretes vão encontrando significados para este fio de novelo e dizem-no através da palavra e chegam ainda a questionar o público sobre o significado do objeto.

No final desta cena os intérpretes começam a fazer bolas de sabão, enquanto um deles lê um texto sobre a efemeridade da viagem. Outro performer tenta “guardar” as bolas de sabão dentro da mala, num gesto poético e impossível. Este texto e ação também surgiram num Café FLUXOS, onde um grupo explicou o Projeto através das bolas de sabão e escreveu este texto. Na performance, esse exercício transforma-se em três ações: a leitura do texto, o gesto de criar as bolas e a tentativa de guardá-las. Dramaturgicamente, a cena reflete a fragilidade e impermanência da viagem.

A performance termina com a cena das lanternas. Sob a repetição do texto das bolas de sabão, os intérpretes partem para o desconhecido, iluminando o espaço com lanternas. A luz move-se pelo escuro, criando um ambiente de mistério e descoberta. Este exercício foi também desenvolvido nos Cafés FLUXOS, como uma exploração do que permanece invisível na viagem. As lanternas revelam e escondem, conduzem e confundem, procurando o caminho a seguir. O espetáculo encerra com o apagar de todas as lanternas, gesto simbólico que representa um retorno ao interior, à atenção ao presente, ao encontro e ao vivido.

A partitura de improvisação revelou-se um fechar importante e bonito deste Projeto. Mais do que uma estrutura performativa, constituiu um método de criação coletiva, onde a escuta, o acaso e a experimentação orientaram o processo. O improviso, entendido não como ausência de forma, mas como abertura à presença, transformou cada gesto em acontecimento e cada repetição em descoberta.

A performance, assim, não se fixou num produto final, mas permaneceu em constante transformação, uma viagem que continua a ser reinventada a cada reencontro entre corpos, espaços e públicos.

3.2.2. ESTÉTICA DA OBRA

A estética da performance *Para Onde Vamos? Como Vamos? Vamos?!* inscreve-se num campo da criação contemporânea, claramente influenciada pelo pensamento e pelas práticas do Movimento Artístico *Fluxus*. Mais do que um produto finalizado, a performance configura-se como uma composição aberta, marcada pela fluidez, pela experimentação e pelo acaso — características essenciais da estética fluxista, tal como descritas por Hannah Higgins (2002), para quem o *Fluxus* é menos um estilo do que uma atitude perante a arte e a vida.

Neste contexto, o corpo presente, a ação quotidiana, o jogo e a improvisação surgem como elementos centrais na composição. A simplicidade e a informalidade das ações criam uma linguagem acessível e directa, em sintonia com a orientação de George Maciunas, que defendia uma arte simples, funcional e despreziosa, descentrando a ideia de virtuosismo ou espetáculo.

Tal como no *Fluxus*, a obra rejeita a noção de arte como objeto finalizado e consagrado, propondo, antes, um espaço de criação processual, coletivo e em constante transformação. A partitura performativa, reativada em cada apresentação, permite que a obra se reinscreva no tempo e no corpo, abrindo-se à descoberta e à renovação permanente. Trata-se, portanto, de uma estética do efémero, da escuta e da presença, onde a arte se aproxima da vida não para a representar, mas para a habitar — num gesto sensível que convoca o espectador a partilhar esse território de criação.

3.2.3. ESPAÇO E CONTEXTO DE APRESENTAÇÃO

A apresentação da performance *Para Onde Vamos? Como Vamos? Vamos?!*, realizada em 2025 no Ponto de Encontro – Casa Municipal da Juventude de Almada, adquire um significado particular quando colocada em relação com os modos de apresentação dos artistas *Fluxus* nas décadas de 1960 e 70. Este espaço, amplamente reconhecido na cidade pelo seu apoio a práticas culturais alternativas e emergentes, funciona como um lugar de criação e experimentação artística fora dos circuitos convencionais. A plataforma de expressão juvenil e espaço de subcultura alinha-se com a lógica de privilegiar contextos informais — cafés, ruas, espaços partilhados — como cenários de ação e intervenção artística.

Ao longo do processo criativo, o Projeto incluiu Banquetes *Fluxus*, encontros à volta da mesa que promoveram o convívio, a escuta e a reflexão coletiva, e Cafés FLUXOS, sessões

experimentais realizadas em espaços públicos e semipúblicos, baseadas em jogos de movimento e improvisação. Estas práticas expõem a ideia de que o espaço da arte pode ser cotidiano, relacional e partilhado — princípio também central ao pensamento *Fluxus*, que propunha dissolver as fronteiras entre a prática artística e o cotidiano. A performance final, realizada num espaço comunitário como o Ponto de Encontro, prolonga essa visão, mais do que um palco, o local torna-se um dispositivo estético e simbólico que sustenta a lógica colaborativa, efémera e processual que orientou todo o Projeto.

3.2.4. FICHA ARTÍSTICA E SINOPSE

Neste subcapítulo é apresentada a ficha artística, onde são mencionados todos aqueles que fizeram parte do Projeto a nível da direção artística, criação de ambiente sonoro, e interpretação e cocriação, estas informações foram apresentadas na folha de sala (ANEXO H).

Ficha Artística

Direção Artística: Bárbara Salvador

Ambiente Sonoro: Fernando Chainço

Interpretação e Cocriação: Daniel Silva; Daniela Lima; Daniela Santos; David Cavaco; Fernando Chainço; Gabriella Hedegaard; Hugo Pereira; Inês Garcias; Rita Cunha; São Matthias Nunes; Sara Dias; Segundos Pedro; Maria Helena; Maria Inês Brás; Melissa Loja; Vanessa Toro; Vítor Pinto.

Sinopse

Um fluxo constante de encontros e desencontros. Atravessamos histórias que nos transformam. O que carregamos? O que deixamos para trás?

Inspirados no Movimento *Fluxus* dos anos 60 e nas narrativas pessoais e coletivas dos participantes, criamos um jogo performático onde o acaso e a espontaneidade conduzem a experiência.

A fronteira entre a dança e o cotidiano dissolve-se, convidando o público a mover-se conosco nesse percurso imprevisível.

CAPÍTULO 4 – PENSAMENTO E PRÁTICAS *FLUXUS* NO PROJETO FLUXOS

Este capítulo tem como objetivo central analisar e demonstrar as ligações concretas entre o Movimento *Fluxus* e o Projeto, evidenciando de que modo os princípios estéticos e performativos do *Fluxus* influenciaram a sua conceção, implementação e as práticas artísticas desenvolvidas.

A influência do *Fluxus* revela-se incontornável ao longo de todo o processo, enquanto forma de operar, focado no quotidiana, negando a obra como produto final, valorizando o processo, defendendo a participação ativa e a dissolução de hierarquias verticais, este Movimento constituiu o principal referencial teórico e prático do Projeto.

Assim, a influência do *Fluxus* será apresentada através dos seguintes eixos, participação, cocriação e horizontalidade nas relações artísticas, acaso e espontaneidade como veículo criativo, instruções, objetos e quotidiano como material coreográfico e a estética da simplicidade e a dissolução da obra como produto final.

Os pontos desenvolvidos detalham como este diálogo se manifestou na prática do Projeto. Por fim, o capítulo encerra com uma reflexão sobre a aproximação do *Fluxus* à criação em dança, discutindo as potencialidades e os limites desse encontro no contexto específico do Projeto FLUXOS.

4.1. PARTICIPAÇÃO, COCRIAÇÃO E RELAÇÕES ARTÍSTICAS

No Projeto FLUXOS, o processo de criação assentou numa lógica colaborativa, estabelecendo um modelo de hierarquia horizontal, desafiando modelos tradicionais. O Projeto estruturou-se em encontros e ensaios coletivos que valorizavam a participação e a cocriação, dimensões já presentes no *Fluxus* e hoje amplamente debatidas nas artes performativas.

Este modelo alinha-se diretamente com a definição de arte participativa, envolvendo na criação artistas profissionais em colaboração com artistas não-profissionais, com a criação de uma obra artística onde todos os envolvidos são reconhecidos como artistas (Matarasso, 2019). Ao contrário de estruturas mais convencionais, em que o coreógrafo ocupa o lugar central de autoridade criativa e os intérpretes executam uma visão pré-definida. Neste Projeto procurou-se instaurar um modelo onde todos pudessem

contribuir ativamente para o desenvolvimento das ideias, partituras e decisões performativas.

A matriz teórica desta abordagem encontra-se no Movimento *Fluxus*, no qual a arte é concebida como prática relacional, coletiva e processual. Os princípios do Projeto assentam na proposta de George Maciunas (1963, citado em Friedman, 1998), que propõe a dissolução das categorias autorais tradicionais, promovendo uma arte integrada à vida e acessível a qualquer pessoa, independentemente da sua formação ou estatuto artístico.

Dando corpo a estes princípios, a participação ativa de todos os envolvidos foi uma constante no contexto do FLUXOS. As propostas de movimento, os jogos performativos, as instruções e os materiais utilizados emergiram de exercícios coletivos de experimentação. A prática do “dar e receber” foi cultivada através de exercícios que permitiam que cada participante assumisse o papel de criador, desfazendo hierarquias fixas.

Um dos exemplos mais claros desta abordagem foi a forma como se desconstruiu o papel do coreógrafo enquanto figura autoral. Em vez de impor uma visão pré-estabelecida, orientou o processo facilitando a escuta, o diálogo e a colaboração articulando os diferentes contributos individuais num tecido comum. Neste sentido, o papel do coreógrafo aproximou-se mais do de mediador de relações.

Esta mudança reflete a redefinição de papéis observada na arte participativa, onde o artista passa de um indivíduo criador de objetos para um colaborador que produz “situações” e o público não corresponde mais ao espectador convencional, passando a ser compreendido também como um participante (Bishop, 2012, citado por Aquino, 2016).

A horizontalidade nas relações artísticas também se manifestou na maneira como se estruturaram os momentos de trabalho. As decisões sobre os rumos do processo foram tomadas em conjunto, incluindo discussões abertas sobre o que funcionava ou não, sobre os modos de apresentação e sobre os conteúdos que cada participante desejava explorar. Esta metodologia criou um ambiente de cuidado coletivo, onde se valorizava a escuta e a vulnerabilidade, dando reconhecimento aos envolvidos.

Contudo, isto não implica ausência de conflitos ou de decisões difíceis. Pelo contrário, o Projeto exigiu um constante exercício de negociação e de afinação das relações entre pessoas, entre ideias e entre desejos artísticos. O desafio não esteve apenas em realizar uma criação coletiva, mas em sustentar uma escuta ativa ao longo do tempo, mantendo o equilíbrio entre a liberdade individual e a coerência coletiva.

Este modelo de participação ativa contribuiu para a construção de um objeto artístico que não pertence a uma só autoria, mas que é expressão de uma comunidade temporária de criação. Tal como defende Rancière (2010, p. 10), ao reconfigurar a partilha dos papéis tradicionais, abre-se espaço para uma arte verdadeiramente democrática, um “teatro sem espectadores” onde todos são reconhecidos como agentes do sensível, no qual quem assiste se torna também participante ativo, em vez de ser seduzido por imagens e de ser um *voyeur* passivo.

Assim, FLUXOS não foi apenas um processo de criação em dança contemporânea, foi também um espaço de exercício democrático, de aprendizagem mútua e de experimentação ética sobre o que pode ser criar com outros, em escuta, e sem a imposição de uma hierarquia vertical e fechada, numa criação plural de múltiplas vozes.

4.2. ACASO E ESPONTANEIDADE

No contexto da criação contemporânea, o acaso e a espontaneidade afirmam-se como veículos poéticos e estratégicos que desafiam modelos de composição centrados no controlo e na previsibilidade. Nas artes performativas, esses princípios têm sido explorados como formas de abrir o processo criativo à incerteza, deslocando o foco do resultado final para a experiência e o acontecimento.

Esta abertura ao imprevisto, que valoriza o potencial do experiencial em oposição à forma, encontra suporte na teoria de Erin Manning. Em *Relationscapes: Movement, Art, Philosophy* (2009), a autora propõe que o ato criativo não se define pela execução de um plano pré-determinado. Observando que devemos mover-nos “toward a notion of a body-becoming that is a sensing body in movement, a body that resists predefinition” (Manning, 2009, p. 6). Deste modo, a espontaneidade surge como prática de uma escuta ativa, potencializando a emergência do acaso no processo criativo.

Esta perspetiva encontra-se clara no Movimento *Fluxus*, que via a improvisação, o erro e o evento efémero como formas primordiais de fazer arte. Os artistas fluxistas recusavam a ideia de obra finalizada, privilegiando a ação como espaço de descoberta. George Brecht, por exemplo, concebia as suas *event scores* — partituras de eventos — não como peças a serem executadas com precisão, mas como sugestões abertas que só se completavam na imprevisibilidade da sua realização.

Como observa Owen F. Smith em *Fluxus: The History of an Attitude*, muitas obras *Fluxus* utilizavam estruturas abertas que podiam ser executadas em qualquer contexto, por

qualquer pessoa, a qualquer momento (Smith, 1998, p. 74). Essa indeterminação intencional demonstrava como o processo substitui a obra e a criação torna-se um campo de experimentação.

Dick Higgins descreve as suas *art-games* como sistemas abertos, em que o artista “gives the rules without the exact details” e oferece antes uma “range of possibilities” (Higgins, 1998, citado em Friedman, 1998, p. 137). Como sintetiza Ken Friedman, “the authors leave the details of the actual event open” (Friedman, 1998, p. 137). Essas formulações traduzem o espírito processual e colaborativo que caracterizou o *Fluxus* e que continua a inspirar práticas contemporâneas baseadas no improviso e no jogo.

No Projeto FLUXOS, o acaso e a espontaneidade foram abordados como uma prática consciente, em que o inesperado estabeleceu-se como impulso criativo. Os exercícios eram frequentemente iniciados a partir de estímulos simples — objetos quotidianos, instruções curtas, palavras ou gestos — que funcionavam como veículo para a criação. Através destas instruções, cada participante era confrontado com a necessidade de uma resposta autêntica, naquele tempo e espaço. Essa prática favoreceu uma escuta ativa do presente e uma experimentação contínua, onde a improvisação surgia sem a pressão de um resultado predeterminado.

Nos Cafés FLUXOS, essa lógica estendia-se a jogos de criação instantânea, em que os elementos surgiam de forma aleatória, como por exemplo o jogo da “mala”, criado pelos participantes do Projeto, em que cada performer desenvolvia uma ação a partir de um objeto retirado ao acaso. Esses momentos ativavam uma escuta sensível e uma presença plena, reafirmando a criação como prática viva.

Estes princípios estiveram presentes não só durante o processo, mas também na performance final, onde a estrutura — guiada por indicações — permitia liberdade interpretativa de acontecimentos. Nomeadamente numa das instruções em que os intérpretes eram convidados a habitar o percurso definido por um fio com comprimentos sorteados e distribuídos em tempo real durante a apresentação.

Ao adotar uma lógica processual, o Projeto recusou uma visão linear da criação e abraçou a experimentação como metodologia. Tal como em *Fluxus*, o acaso tornou-se um princípio ativo de composição, capaz de revelar sentidos que a estrutura, por si só, não poderia produzir. Este posicionamento implicou também uma disponibilidade para o risco e para a incerteza, mas foi precisamente nesse espaço instável que se criaram as condições

para a autenticidade, para a abertura do gesto e para o aprofundamento do processo coletivo.

O grupo trabalhou com estruturas porosas, que permitiam reações espontâneas, variações de intensidade e novas leituras a cada repetição. Este tipo de composição aberta reafirma a dança como arte do instante, e a criação como prática viva.

4.3. INSTRUÇÕES, OBJETOS E QUOTIDIANO

No âmbito do Projeto FLUXOS, o trabalho coreográfico não se traduziu apenas na exploração de movimento, centrou-se, antes, na geração de estímulos que alimentaram as improvisações. Esses estímulos surgem de uma escuta sensível das narrativas pessoais, do cotidiano, das experiências vivenciais e do simbolismo dos objetos introduzidos no espaço de criação.

As instruções e os objetos, trazidos ou desenvolvidos durante o processo, refletem e partem das experiências vivenciais, para depois se transformarem em material coreográfico. Tal como em muitas práticas artísticas contemporâneas — e em especial nas propostas do Movimento *Fluxus* —, a coreografia foi aqui entendida como uma prática experiencial, onde instruções simples, objetos banais e experiências vividas se tornaram matéria poética e performativa (Higgins, 2002).

Durante o Projeto, foram lançadas diversas propostas que convidavam os participantes a trazer as suas experiências quotidianas relacionadas com a viagem, tema central do processo, que funcionaram como ponto de partida para a criação de instruções e introdução de objetos para a criação de material coreográfico.

Entre as propostas desenvolvidas, destacou-se a criação de instruções a partir de desenhos, nos quais os participantes representavam o percurso entre o local de onde vinham e o espaço de ensaio, refletindo a sua experiência pessoal de deslocação. Esses mapas serviram de base para a construção de manuais de instruções e de estruturas de improvisação, onde o traçado do desenho orientava a ação corporal.

Paralelamente, surgiram também instruções a partir de ações quotidianas associadas à viagem, como esperar, fazer a mala, contemplar, caminhar e de palavras, como mala, sentidos ou caminho. A partir deste material desenvolveram-se também dispositivos simples de ativação, nos quais cada ação, palavra ou gesto era explorado como elemento performativo, contribuindo para a criação de composições coletivas e improvisadas.

Propôs-se ainda aos participantes que trouxessem objetos relacionados com a ideia de viagem. Esta proposta, aparentemente simples, revelou-se profundamente poética e sensível, cada objeto — um bilhete, uma peça de roupa, uma fotografia, um *souvenir* — carregava em si uma memória, uma história, uma presença. A partilha desses elementos ativou um espaço de afeto e de relação, onde o objeto deixava de ser apenas adereço para se tornar mediador de experiências e motor de novas possibilidades coreográficas.

Além dos objetos e instruções que surgiram no processo coletivo, foram também introduzidos elementos trazidos por mim, enquanto orientadora do Projeto, que dialogavam com a temática da viagem e com as práticas *Fluxus*. Entre esses objetos encontravam-se um novelo de lã, metáfora do fluxo e da ligação entre corpos; lanternas, que permitiam ver o caminho, usadas para explorar a relação com a luz, a sombra, e o olhar; bolas de sabão, evocando a efemeridade e o jogo; e uma mala de viagem, que reunia todos os elementos e simbolizava a bagagem transportada ao longo do processo.

As instruções introduzidas incluíram referências diretas ao Movimento *Fluxus*, nomeadamente a *Fly Piece* de Yoko Ono (1963) e a proposta de Ken Friedman, *Explaining Fluxus* (1986), ambas presentes no *Fluxus Performance Workbook* (Friedman, Smith, et al., 2002). Estas instruções funcionaram como exemplos e inspiração, permitindo compreender de que forma o *Fluxus* operava através da simplicidade e da ação, características amplamente descritas por Higgins (2002). A partir desse entendimento, criei instruções simples, que relacionavam objetos, ações, palavras e mapas desenvolvidos no processo, promovendo a articulação entre o Projeto e o *Fluxus*.

Estas práticas dialogam com a ideia de uma coreografia expandida, em que o gesto coreográfico ultrapassa o corpo dançante e que se move a partir da relação com objetos, espaços e estados. Essa abordagem encontra-se nas reflexões de Lepecki (2006), que analisa como a dança contemporânea se desloca da centralidade do movimento corporal para explorar outras formas de presença e de pensamento. O autor também destaca que esse deslocamento implica uma reconsideração das relações entre corpo, materialidade, objetos e afetos, ampliando o campo coreográfico para dimensões políticas e perceptivas do gesto. A manipulação dos objetos foi pensada como forma de composição e ativação da memória, abrindo espaço para que a narrativa individual se inscrevesse na criação coletiva.

A criação de dispositivos com instruções desempenharam aqui um papel central. Inspiradas nas *event scores* dos artistas *Fluxus*, como as célebres instruções de Yoko Ono (1964) ou os exercícios performativos de George Brecht (1966), as diretrizes funcionaram

como catalisadores de ação. Enunciados simples, criaram estruturas abertas para a improvisação, colocando o foco na escuta e na presença. Essa abordagem é entendida enquanto espaço de pensamento, um campo onde a instrução não determina um resultado, mas cria condições para a experimentação e o surgimento de novas relações entre corpo, ação e atenção.

O cotidiano foi amplamente explorado a partir de ações, objetos e gestos comuns como material coreográfico. Contudo, não foi apenas no material gerado que estava inscrito o cotidiano, mas na forma de trabalho adotada, nos encontros regulares no espaço de ensaio ou em espaços públicos, jogos colaborativos, refeições partilhadas e trocas informais que moldaram o próprio ritmo do Projeto.

Os materiais gerados ao longo do processo, instruções, objetos e partituras, foram reunidos e guardados numa mala de viagem, que funcionava como um arquivo móvel. Esta mala continha diversos gatilhos para a improvisação e conseqüentemente para a composição coreográfica, constituindo aquilo a que chamei *Kit FLUXOS*.

A ideia deste *kit* inspira-se diretamente nos *Fluxkits* do Movimento *Fluxus*, pequenas caixas ou malas que continham objetos, instruções e partituras performativas concebidas por artistas como George Maciunas, Yoko Ono e George Brecht, propondo gestos simples, jogos e ações que transformavam tarefas banais em experiências poéticas que ativavam o pensamento e a experimentação (Higgins, 2002). Tal como nesses *kits*, também aqui a coleção de elementos não pretendia oferecer um produto acabado, mas antes ativar processos de jogo, experimentação e de participação.

O *Kit FLUXOS* operou de modo semelhante aos *Fluxkits*, como um dispositivo performativo que convidava os participantes a transformar instruções, ações e objetos em experiências coreográficas partilhadas. Esta abordagem confirma a premissa de que o *Fluxus* é "a way of doing things, a tradition, and a way of life and death," (Higgins, 1979, como citado em Friedman, 1998, p. 237). Nesse sentido, o *Kit FLUXOS* não se apresenta como uma forma estética, mas como uma prática de relação, em que o fazer, o partilhar e o experienciar se tornam centrais para a construção coreográfica.

O Projeto FLUXOS afirma, assim, uma prática coreográfica relacional em que as instruções, o objeto e o gesto cotidiano não se limitam a acompanhar o processo criativo, mas constituem-se como o motor gerador de material coreográfico, assumindo o ponto de partida essencial para a criação artística.

4.4. ESTÉTICA DA SIMPLICIDADE E A DISSOLUÇÃO DA OBRA

A dissolução da obra enquanto produto final constituiu uma das mudanças da arte do século XX. A criação artística deixa de se centrar na produção de objetos fixos e passou a privilegiar o processo, a ação e a experiência. Como observa Amelia Jones em *A Companion to Contemporary Art since 1945*, “consideration of “process” has been central to artistic practices for at least 50 years” (Jones, 2006, p. 576). Desta forma houve uma alteração do foco para uma estética da simplicidade, valorizando o essencial, em detrimento da complexidade técnica e da ilusão representacional.

No *Fluxus*, a simplicidade e o processo assumem um papel central, propondo o fim do objeto artístico como mercadoria, defendendo uma arte acessível, viva e integrada no quotidiano. No manifesto de 1963, George Maciunas apelava a uma “REVOLUTIONARY FLOOD AND TIDE IN ART, Promote living art, anti-art, promote NON-ART REALITY to be grasped by all peoples, not only critics, dilettantes and professionals ...” (Maciunas, 1963, citado em Friedman, 1998, p. 4). As *event score*, tornaram-se o motor desta mudança, reduzindo a arte à sua estrutura mais direta e processual, em que o banal se converte num acontecimento estético.

Segundo Amelia Jones (2006), Maciunas introduziu no *Fluxus* o princípio do concretismo “to describe the way the fluxwork draws attention to its materiality and, thereby, rejects the notion of pure representation (what he calls “illusionism”)” (p. 541). A obra deixa, assim, de remeter para uma representação exterior e afirma-se pela sua própria presença, caracterizando o trabalho do *Fluxus* com a realidade concreta em vez da abstração artificial do ilusionismo. A materialidade, a ação e o tempo tornam-se os elementos que constroem a criação artística.

Esta viragem conceptual traduziu-se em práticas artísticas que rejeitavam a obra finalizada, o produto acabado. Como observa Owen F. Smith (1998), muitas obras *Fluxus*, como *Drip Music* de George Brecht — partitura em que o ato de deixar cair água se converte num gesto sonoro e performativo — ou *Paper Piece* de Ben Patterson — peça em que os intérpretes manipulam diferentes tipos de papel, explorando as suas qualidades sonoras e táteis — “had the potential to be performed at any time by anyone, not just by a performer on a stage” (p. 74). A arte deixa de ser uma representação para se tornar um acontecimento partilhado, uma experiência efémera, coletiva e aberta à interpretação.

A simplicidade fluxista, revela uma forma de rigor poético e conceptual. Para Maciunas, o uso de objetos comuns, de gestos banais e de instruções breves constituía uma

postura anti-elitista e pedagógica. Fazer arte com o que está à mão, descobrir o extraordinário no banal. A arte passa, assim, a residir na atenção e na experiência direta, e não na acumulação de formas ou técnicas.

No pensamento de Allan Kaprow, esta mudança representa a passagem de uma arte centrada no objeto para uma arte centrada no processo. Para o autor, o que realmente importa não é o resultado final, mas a experiência e a forma como o ato de criar acontece. A arte torna-se um espaço de experimentação contínua, sempre aberta à transformação, onde o gesto e o pensamento se constroem mutuamente (Kaprow, 1993).

Esses princípios reverberam diretamente no Projeto FLUXOS, que procurou cultivar a simplicidade como prática consciente de criação. Inspirado nos procedimentos fluxistas, o grupo desenvolveu propostas de ação direta, centradas na presença, no tempo e na atenção. Surgiram exercícios como “contemplar”, “esperar” ou “fazer a mala”, em que o gesto mínimo se tornava um campo de descoberta sensível. A simplicidade das instruções abria espaço para múltiplas respostas, revelando a singularidade de cada intérprete e a relação viva entre corpo, objeto e espaço.

Nesses momentos, a obra deixava de ser algo fixo, existia apenas naquele instante da sua realização, dissolvendo-se a cada repetição e renascendo na experiência do grupo. A atenção não era sobre um resultado final, mas sim a presença viva e processual, onde o risco e a escuta se tornavam parte do gesto criador.

A mesma lógica orientou a performance final do Projeto, concebida não como produto acabado, mas como prolongamento do processo. Estruturada a partir de uma partitura de improvisação, a apresentação permitia uma resposta sensível e imprevisível dos intérpretes, gerando a cada execução um novo acontecimento, onde emergiam novos significados e descobertas. Assim, o trabalho nunca se encerrava, reafirmando o caráter efêmero, processual e não reproduzível da criação.

Neste sentido, tanto o *Fluxus* quanto o FLUXOS afirmam a simplicidade e o concretismo como formas de habitar o presente e de aceitar a impermanência da arte. A dissolução da obra como produto final não significa ausência de forma, mas sim uma forma expandida, aberta ao tempo, ao acaso e à experiência. O valor da criação reside no acontecimento e na atenção, e não na fixação de um resultado final..

4.5. APROXIMAÇÃO DO *FLUXUS* À CRIAÇÃO EM DANÇA: PROJETO FLUXOS

Desde o início, um dos objetivos do Projeto FLUXOS foi compreender de que forma os princípios e práticas do Movimento *Fluxus* poderiam ser transpostos para o campo da dança contemporânea. O subcapítulo que se segue propõe uma reflexão crítica sobre essa aproximação, analisando as suas potencialidades e os seus limites no contexto da prática coreográfica desenvolvida.

Durante o processo, privilegiou-se o acaso e a espontaneidade como veículos criativos, recorrendo a instruções simples, a objetos banais e a uma forte ligação ao quotidiano para gerar material coreográfico. Esta metodologia aproxima-se do conceito fluxista de *event score*, assumindo a criação como um processo poroso que valoriza a experimentação em vez de um produto finalizado.

Procurou-se, assim, uma estética assente na simplicidade e na acessibilidade do gesto, rejeitando uma conceção fechada de composição e valorizando a dimensão processual e participativa da obra. No FLUXOS, o acaso tornou-se linguagem, trabalhámos a partir de estruturas abertas, desenvolvidas ao longo do processo, que acolham o inesperado como parte integrante da criação. A experimentação afirmou-se, deste modo, como metodologia central, orientando o percurso por descobertas e não por um destino predefinido.

A aproximação entre os princípios do Movimento Artístico *Fluxus* e a criação em dança revelou grande potencial criativo ao longo do Projeto FLUXOS, trazendo novas formas de pensar o corpo, a composição e a própria ideia de obra. Entre as principais potencialidades, destaca-se a valorização do acaso, da espontaneidade e da ação quotidiana — aspetos centrais no Movimento *Fluxus* que encontraram um lugar sólido nas práticas adotadas.

A criação de jogos de improvisação, o uso de objetos banais e a atenção ao presente partilhado durante os ensaios são exemplos concretos dessa influência. A informalidade, a leveza e o sentido de grupo e comunidade inscreveram-se naturalmente no processo, reforçando uma abordagem aberta e colaborativa à composição em dança.

Contudo, a natureza efémera, imprevisível e não ensaiada das ações fluxistas revelou alguns limites quando confrontada com a necessidade de estruturar uma apresentação final. A partir de certo momento do processo — aproximadamente a meio —, o grupo começou a trabalhar numa lógica mais próxima da construção de um guião improvisado, ou de um “esqueleto dramaturgico”, que orientava os performers através de uma sequência de ações,

jogos e ambientes performativos previamente definidos. Essa mudança foi motivada pelo desejo coletivo de criar uma estrutura comum que garantisse coesão e intencionalidade às escolhas performativas.

Assim, o trabalho passou a incluir momentos de repetição, afinação e discussão prévia de intenções — práticas que se afastam da radical espontaneidade defendida por muitos artistas *Fluxus*. Neste sentido, emergiu uma tensão criativa entre o desejo de manter uma criação aberta, improvisada e imprevisível, e a necessidade de assegurar uma certa coerência compositiva para a performance final. Essa tensão traduz, na prática, os limites do *Fluxus* quando transportado para o contexto da dança comunitária — um grupo de pessoas que cria algo em conjunto — e da apresentação pública.

Existem, contudo, distâncias a sublinhar. Enquanto o *Fluxus*, em alguns discursos, defendia a dispensabilidade do artista, como lembra Jones (2006, p. 45), “Fluxus, according to Maciunas, was considered above all as an ‘art-amusement,’ which would demonstrate that anything can be art, and that artists would eventually become dispensable”, o Projeto FLUXOS assume a importância da figura da direção artística como mediadora e ativadora do processo.

Essa presença não contradiz o espírito fluxista, mas antes o atualiza: quem dirige o processo surge aqui como facilitador de relações, garantindo a escuta coletiva e a coesão dramática sem impor hierarquias autorais. Assim, o papel do coreógrafo aproximou-se mais do de mediador, promovendo um espaço de criação partilhada, onde arte e vida se interligam.

O Projeto FLUXOS propôs, assim, uma adaptação crítica dos princípios fluxistas, mantendo o foco na cocriação, no jogo e na leveza, mas reconhecendo a importância da escuta coletiva e da composição dramática partilhada. Esta negociação entre abertura e estrutura, entre liberdade e partitura, revelou tanto as possibilidades quanto os desafios da contaminação entre linguagens artísticas distintas. A aproximação entre o Movimento *Fluxus* e o processo criativo do Projeto revelou-se, portanto, simultaneamente libertadora e desafiante — uma tensão que moldou todo o percurso criativo.

REFLEXÕES FINAIS

Os movimentos e práticas artísticas constroem-se de influências, de contextos e necessidades. O que seria do contemporâneo sem o clássico? O que seria do Movimento Artístico *Fluxus* sem o Dadaísmo, o Minimalismo, a Pop Arts e sem o Duchamp? Para que existam rupturas, é necessário haver história, um passado que sustente a reinvenção, a transformação. Assim, torna-se inevitável reconhecer que os movimentos artísticos se influenciam mutuamente, em diálogo com os seus contextos históricos, sociais e políticos.

Na dança contemporânea, muitas práticas trabalham a partir de jogos, instruções, co-criações e práticas participativas, inspiradas por esta linha de pensamento. Contudo, este relatório propõe um diálogo específico e direto entre o Movimento *Fluxus* e a criação coreográfica, explorando de que forma os seus princípios podem ser traduzidos para a composição e para o trabalho coletivo. O Projeto FLUXOS surge, assim, como um laboratório de experimentação, que abandona a lógica de produção e comercialização da arte e se traduz numa rede de processos, encontros e partilhas.

A experiência do FLUXOS deu voz a um processo colaborativo baseado na escuta e na experimentação. Criar em coletivo foi um dos objetivos mais sólidos do Projeto, que estabeleceu uma forma de estar na criação coreográfica, onde cada participante era convidado a criar as suas próprias narrativas através de partituras, instruções e jogos, em encontros que se desenvolveram através do espírito fluxista. O corpo tornou-se símbolo do coletivo, uma matriz comum a todos, uma matéria poética.

Mais do que procurar reproduzir o *Fluxus*, este trabalho procurou abrir um campo de prática onde o acaso, a atenção e o quotidiano fossem reconhecidos como matéria artística. O diálogo entre *Fluxus* e dança revelou-se essencial, trouxe leveza, mas também uma atenção ao presente, onde a coreografia se constrói no encontro.

Desta experiência emergiram também as tensões próprias da transposição de um movimento artístico para o campo da criação participativa. A ausência de estrutura pode gerar dispersão. Perante a necessidade de uma apresentação pública mais formal — exigida pelo mestrado e também desejada pelos participantes como forma de encerrar o processo — procurou-se encontrar um ponto de equilíbrio entre liberdade e coesão.

A diversidade de corpos, vozes e experiências revelou a importância de uma mediação cuidadosa, que preservasse as práticas de experimentação, simplicidade e acaso trabalhadas ao longo do Projeto. Foi nesse entre-lugar, entre abertura e estrutura, que surgiu

o desafio de construir um “esqueleto dramaturgico” flexível, uma estrutura capaz de orientar sem anular os princípios do Projeto.

O que unificou a obra foram as instruções, comuns a todos os intérpretes, e a dramaturgia e estética compartilhadas. Esses elementos criaram um terreno comum onde a multiplicidade coexistiu de forma unificada, mantendo viva a essência do *Fluxus*.

Acredito profundamente que todos os seres humanos têm a capacidade e a necessidade de criar. Ser artista é, talvez, olhar para a vida como matéria poética. No Projeto, esta crença traduziu-se em práticas colaborativas que ativaram memórias, objetos e histórias pessoais, transformando-as em material coreográfico. O papel do coreógrafo deixou de ser o de um autor que impõe e tornou-se o de mediador de relações, alguém que escuta, organiza e permite que o coletivo encontre a sua própria linguagem e dramaturgia.

O FLUXOS mostrou que a herança fluxista continua viva e relevante. Os seus princípios de acessibilidade, jogo e experimentação podem ser atualizados e traduzidos em práticas coreográficas contemporâneas que valorizem tanto o processo como a apresentação. Contudo, esta atualização exige cuidado, é preciso conciliar a liberdade do acaso com uma estrutura que preserve o sentido e a coerência do grupo.

Mas talvez o maior legado do Projeto tenha sido a rede que se formou. Num tempo marcado pelo individualismo e pela fragmentação, o FLUXOS tornou-se um espaço de comunidade. Os participantes continuam a encontrar-se, a criar juntos, a partilhar projetos e afetos. Essa continuidade é, em si, um testemunho de que a arte pode gerar vínculos duradouros, reinventar formas de estar, afirmando o valor do encontro.

Este percurso, tanto prático quanto reflexivo, representou também um momento de amadurecimento pessoal e artístico. A realização deste Projeto e a escrita deste relatório transformaram a minha forma de pensar a criação e a composição coreográfica, aprofundando a consciência de que a arte é, antes de tudo, um espaço de encontro, com o outro, com o corpo e com o presente. Levo comigo a convicção de que quero continuar a explorar práticas colaborativas e participativas, onde o jogo, a ação e o improviso ocupam o corpo e alimentam o gesto criador.

No fim, fica a imagem do fluxo: corpos, memórias e gestos que se encontram e acrescentam-se. Criar com outros é, antes de mais, aprender a viver poeticamente o presente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Aquino, R. (2016). *Arte participativa, mediação cultural e práticas colaborativas: Perspetivas para uma curadoria expandida*. *Repertório: Teatro & Dança*, 19(27), 1–10.

Bauman, Z. (2001). *Modernidade líquida* (C. A. Medeiros, Trad.). Lisboa, Portugal: Relógio D'Água.

Beuys, J. (s.d.). *Todo o homem é um artista* [Citação de Joseph Beuys, ca. 1972]. Frase amplamente atribuída em entrevistas e palestras do artista alemão.

Bishop, C. (2012). *Artificial hells: Participatory art and the politics of spectatorship*. London, England: Verso.

Friedman, K. (Ed.). (1998). *The Fluxus reader*. Chichester, England; New York, NY: Academy Editions.

Friedman, K. (2011). Fluxus: A laboratory of ideas. In J. Baas (Ed.), *Fluxus and the essential questions of life* (pp. 35–44). Hanover, NH; Chicago, IL: Hood Museum of Art & University of Chicago Press.

Friedman, K., Smith, L., & Sawchyn, M. (2002). *Fluxus performance workbook*.

Higgins, H. B. (2002). *Fluxus experience*. Berkeley, CA: University of California Press.

Jones, A. (Ed.). (2006). *A companion to contemporary art since 1945*. Malden, MA; Oxford, England: Wiley-Blackwell.

Kaprow, A. (1993). *Essays on the blurring of art and life* (Expanded ed.). Berkeley, CA: University of California Press.

Lepecki, A. (2006). *Exhausting dance: Performance and the politics of movement*. London, England: Routledge.

Maciunas, G. (1963). Fluxus manifesto. In K. Friedman (Ed.), *The Fluxus reader*. Chichester, England; New York, NY: Academy Editions.

Manning, E. (2009). *Relationescapes: Movement, art, philosophy*. Cambridge, MA: MIT Press.

Matarasso, F. (2019). *Uma arte irrequieta: reflexões sobre o triunfo e importância da prática participativa* (I. Lucena, Trad.). Lisboa, Portugal: Fundação Calouste Gulbenkian.

Michaud, E. (2018). O fim da arte segundo Beuys (A. S. Lopes & T. S. Chagas, Trads.). *PÓS: Revista do Programa de Pós-Graduação em Artes da EBA/UFMG*, 8(15), 156–166.

Rancière, J. (2010). *O espectador emancipado* (J. M. Justo, Trad.). Lisboa, Portugal: Orfeu Negro.

Silva, P. T. (s.d.). *O espírito Fluxus em práticas de autores portugueses* [Relatório de seminário, Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto]. Universidade do Porto, Faculdade de Belas Artes.

Smith, O. F. (1998). *Fluxus: The history of an attitude*. San Diego, CA: San Diego State University Press.

Stiles, K. (1993). Between water and stone: Fluxus performance and the idea of sculpture. In E. Milman (Ed.), *Fluxus: A conceptual country* (pp. 64–91). Providence, RI: Visible Language Press.

Tavares, G. M. (2019). *Atlas do corpo e da imaginação: Teoria, fragmentos e imagens*. Lisboa, Portugal: Relógio D'Água Editores.

Xavier, M. (2017). *Processos de criação coreográfica contemporânea em Portugal: Uma proposta de intervenção artístico-pedagógica* [Tese de doutoramento, Universidade de Lisboa]. Repositório da Universidade de Lisboa.

APÊNDICES

APÊNDICE I - *Kit* FLUXOS



© Bárbara Salvador



© Bárbara Salvador



© Bárbara Salvador

APÊNDICE II - CONFERÊNCIA PERFORMANCE

Projeto FLUXOS – Conferência Performance Roteiro e Reflexão

O que me tem inspirado

O meu projeto é sobre estes livros porque...

Revista Sinais de Cena - A prática como investigação (2020) Balona et al.
O meu projeto é sobre esta revista que fala de várias viagens, de processos criativos e como é que investigamos a partir da prática.

Revista Sinais de Cena – Teatro e Memoria (2016) Campos et al.
O meu projeto é sobre esta revista que ainda esta embalada e que esteve perdido durante 1 semana nos correios.

Livro A Arte da Performance (2012) RoseLee Goldberg
O meu projeto é sobre este livro que nos transporta numa viagem em torno da performance. Inicia no futurismo, passa pelo construtivismo russo, dadaísmo, surrealismo, bauhaus, arte ao vivo, geração dos media até ao novo século e dá nos conta de como estes movimentos artísticos se influenciaram.

Livro Poética da Dança Contemporânea (2012) Laurence Louppe
O meu projeto é sobre este livro que ainda não tive a oportunidade de ler e espera a sua vez num lugar de destaque na prateleira.

Livro Sinais de Cena - Participação e Política (2022) Hugo Cruz
O meu projeto é sobre este livro que aborda questões de participação e política nas práticas artísticas. Apresenta estudos de projetos desta natureza que decorreram entre Portugal e o Brasil.

Livro Atlas do Corpo e da Imaginação – Teoria, Fragmentos e Imagens (2019) Gonçalo M. Tavares
O meu projeto é sobre este livro que apresenta diversos conceitos e os relaciona com o corpo e com imagens dos *Espacialistas* que estabelecem ligação entre corpo, ação e espaço e que estabelecem relações entre a arte e a arquitetura.

Livro Amor Líquido – Sobre a fragilidade dos Laços Humanos (2003) Zygmunt Bauman
O meu projeto é sobre este livro que nos fala sobre o estado de liquidez da sociedade moderna e sobre a fragilidade das relações humanas nos tempos que vivemos.

Livro Siddhartha (2017) Hermann Hesse
O meu projeto é sobre este livro que conta uma viagem, com diversas etapas, caminhos, encontros e desencontros, é sobre continuar a caminhada.

Livro Linguagem e Criação (1973) José Martins Garcia
O meu projeto é sobre este livro que encontrei num banco de livros. O título chamou-me de imediato à atenção, pensei que pudesse falar sobre dança, mas na realidade fala sobre literatura e dei conta de que escrever e criar movimento tem mais semelhanças do que pensava.

FLUXOS são viagens, encontros e desencontros, relações e contágios, é sobre o que nos influencia, são experiências e partilhas. Na realidade o projeto não é sobre estes livros, pois estes livros influenciam-me a mim e este projeto não é sobre mim, mas sobre os participantes que integram o projeto. Este é um projeto de arte participativa com a comunidade que trabalha a partir de narrativas individuais e coletivas sobre o tema viagem, através de dispositivos de jogos que abrem um espaço participativo e interativo, onde todos somos convidados a ser contaminados pelas experiências uns dos outros. A ideia de jogo, regras e limitações abre uma zona de trabalho coletiva. O projeto pretende promover relações entre as pessoas e o ato de criar.

O objetivo deste projeto é criar uma obra coreográfica que se destaque pela diversidade das narrativas individuais e coletivas, por meio de práticas colaborativas e participativas, enriquecendo a criação artística e promovendo um diálogo profundo sobre a importância da arte no cotidiano e a sua capacidade de unir e inspirar comunidades. FLUXOS oferece uma reflexão social, cultural e política propondo-se a investigar as relações entre a comunidade e a arte na contemporaneidade. Este projeto além de contribuir para a investigação na área da dança contemporânea comunitária e participativa, promove um ambiente propício à reflexão e à colaboração, tanto no contexto acadêmico quanto na comunidade em geral.

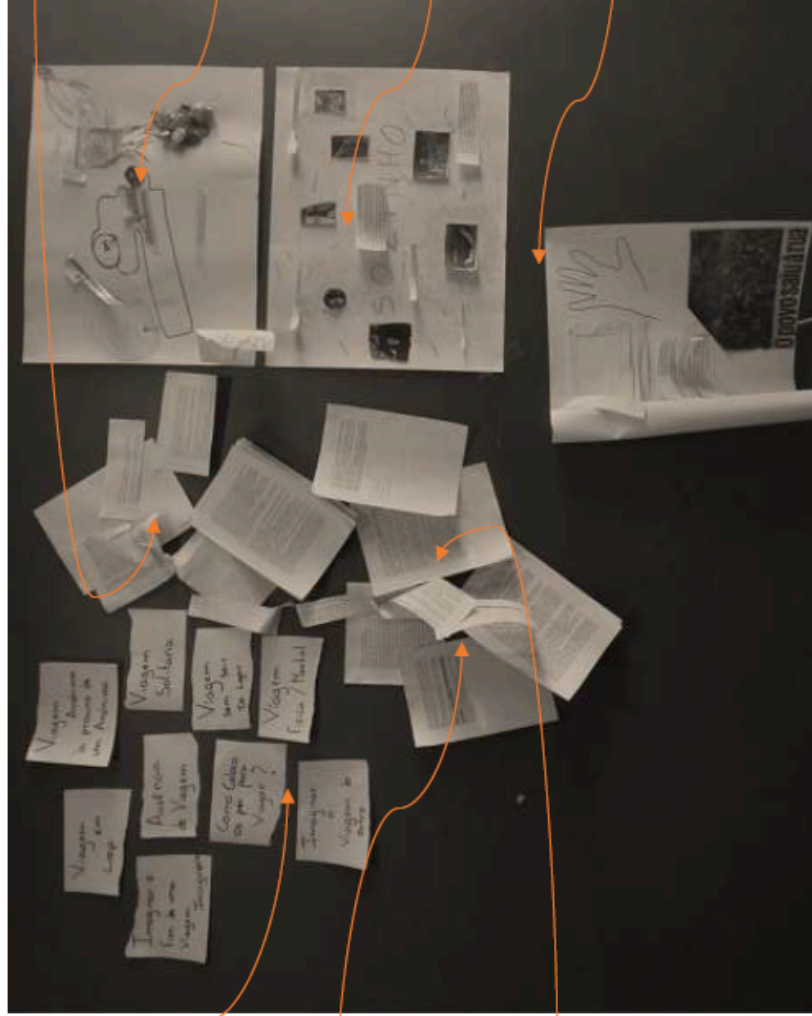
FLUXOS são histórias de viagens e jogos, o processo parte do indivíduo para o coletivo e pretende promover relações entre as pessoas e o ato de criar a partir de processos participativos.

Viagens e Jogos Criados pelos Participantes

Este projeto é sobre criar em coletivo.

Este projeto é sobre transformar, é sobre recortar, colar, dobrar e rasgar.

Este projeto é sobre viagens.



Este projeto é sobre as histórias de viagens dos participantes.

Este projeto é sobre sermos contagiados pelas narrativas do coletivo.

Este projeto é sobre relações e contágios.

Este projeto é sobre criar dispositivos de jogo.

Durante a performance eu fui descrevendo o que me tem influenciado ao longo do processo de construção do projeto, pois este fala exatamente sobre o que nos afeta e influencia, é sobre perspectivas e vivências que serão desdobradas em jogos e experienciados por todos.

APÊNDICE III - PARTITURA DE IMPROVISAÇÃO



Estar
junto

Contágios
Relações

Imitar o
Percurso de
Alguém do
Público?

• Ilumina/ou
não o Percurso
de Alguém

• Atrasa/ou
não o
Percurso de
Alguém

Experiência

Altera o
Percurso de
Alguém

• Mede/ou não
o Percurso
de Alguém

Participar

"Everyone is
an Artist"
(Joseph
Beuys 1978)

• Acelera/ou
não o Percurso
de Alguém

• Dá/ou não
Indicações de
GPS a Alguém

Quem é
Público?
Quem é
Interprete

• Bloqueia/ou
não o percurso
de Alguém

• Faz/ou não
o som do
Percurso de
Alguém

• Imita/ou não
o Percurso
de Alguém

1
Posições
de
Espera

Quotidiano
Arte
- Quebrar fronteiras

(Saidos do Público)
Posições de
Espera
Ação quotidiana

Quem é
Público?
Quem é
Interprete?

2
Textos
+
Movimento

Viagem
Imaginaria

Viagem
Física

Ausência de
Viagem

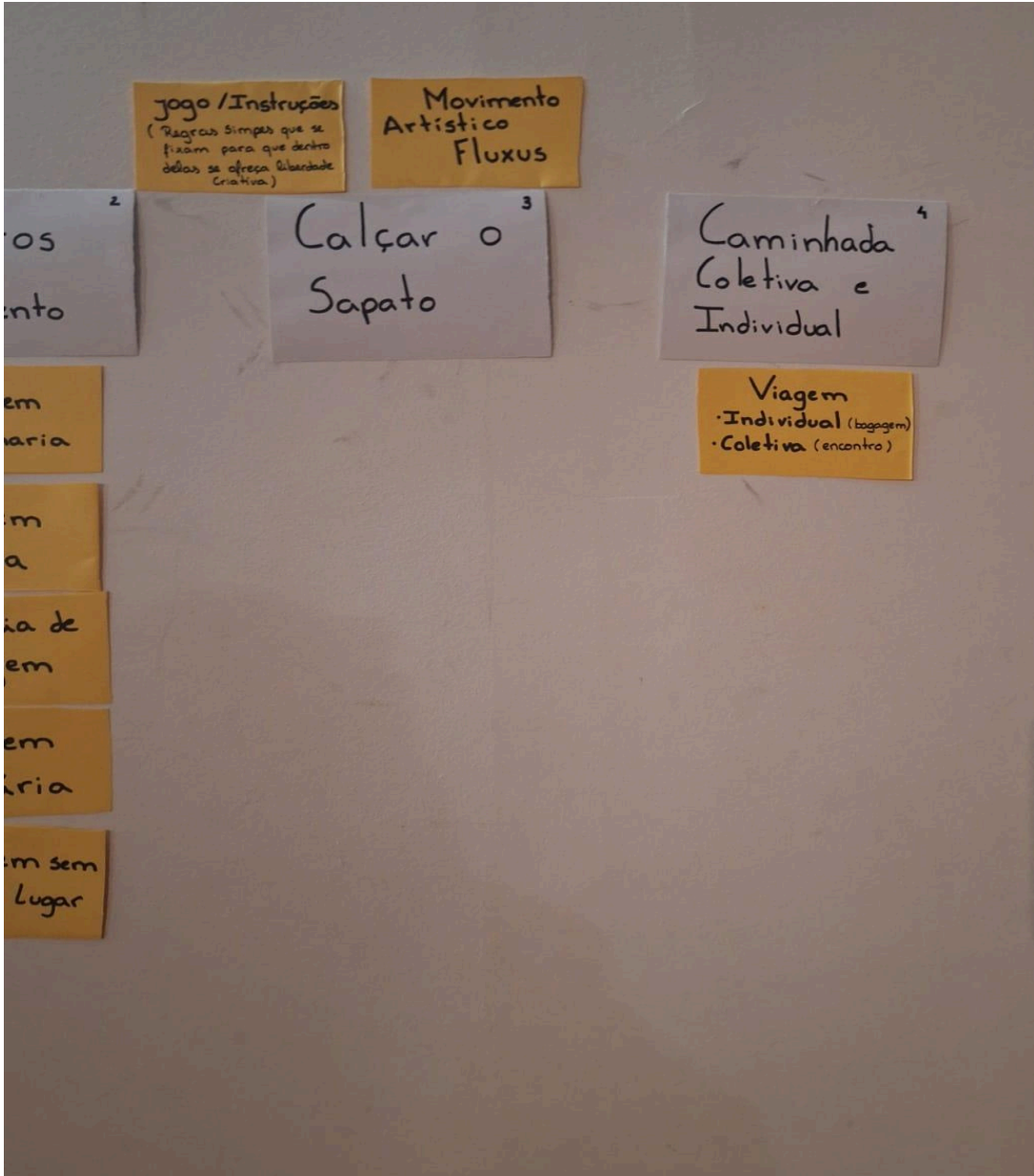
Viagem
Solitária

Viagem sem
Sair do Lugar

jogo / Instruções
(Regras simples que se
fixam para que dentro
delas se ofereça liberdade
Criativa.)

Art

Calçar
Sapato



jogo / Instruções
(Regras simples que se fixam para que dentro delas se ofereça liberdade criativa.)

Movimento Artístico Fluxus

os²
ento

Calçar o Sapato³

Caminhada Coletiva e Individual⁴

Viagem
• Individual (bagagem)
• Coletiva (encontro)

em
aria

m
a

ia de
em

em
ria

m sem
Lugar

4
minhada
ativa e
dividual

Orquestra dos Passaros

Fi
Vi
As

Viagem
ndividual (trajagem)
ativa (encontro)

Estive na praia, num
movimento, numa lancha,
num barco sem fundo,
numa cama, numa lancha de
barracho, num chit cheio de
sabão.
O meu corpo não pensou
em si.

As pronunciações são
surras me trazem
imagens, sensações
físicas, sentimentos
Vantagem de imitar,
interpretar, mistu-
gar os sons.
FAZER o som.
SER o som.

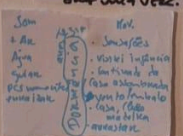
Quando há a existência
a fazer a percussão
Sa bonde mas mas
acho que não dá
a cura ao meu
paraliso.

Senti os sons de forma muito
lenta e fui assim que inter-
pretei: uma goaquila, um leão
medo de uma pomba aberta.
Enquanto cantavam de sono todo
deixe em aberto a interpretação.
Talvez coisas + abstratas, e-tes-
tando

Trabalho o som > Viagem Na
Fonética, son bo unio, da
de era, pssantes, Mj itanento,
Si seias, mg caia.
Hortamento e recolhimento,
Contato, pele, Flotar, transições

HÁ SEMPRE
QUALQUER
COISA DE
DESCOMPARADO
SEMPRE E
NO PRELHE
DE SEU
LUMINAR

ESPECA-MECANICA
- AVALIADO - 7 ANTES
A coisa vi, está em
um lugar - exceto
uma única vez.



COM O
CORPO
ESTAVA A
SENTIR-ME
NO VAZIO
DA MINHA
MENTE

- A Rua
- Na guerra
- A espera de algo

VENTO
SELVA
PIAG
TRABALHO

Uma fábrica
numa selva,
uma selva
numa fábrica!!

O meu corpo sempre se prepara em
espera de um som que o resaca
do que sempre sou um animal no
labirinto.

Estive dentro das
vozes da minha
mente rodeado de
outras pessoas

Pa

Fi
Daniel Silva

REN

PI S
11/02/25

FM PA COTA

Fios da Viagem + Ações

Fly Piece
• Fly
1963. Yoko Uno

Expontâneo/
Acaso

Partilhar

FICAR

Daniel Silva 19/02/2025

NAVEGAR

VITOR 11/02/2025

RENDER

DAMI 11/02/25

Esperar

PISAR

11/02/25 Melissa

ir à family

FM PACOTAR

Renovar

Exercício dos Objetos

Mapa

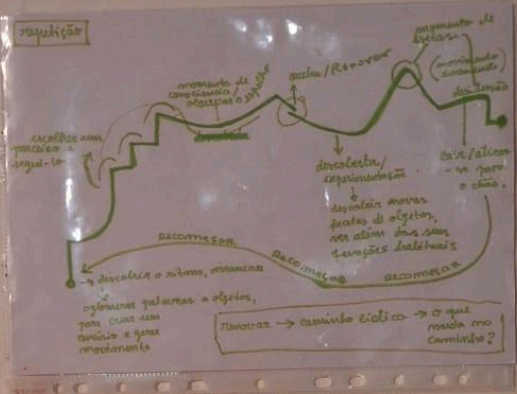
Encontro entre Ação e Objetos

Viagem em Loop

Objeto: FIO

Quais as possibilidades desse objeto?

- conexão entre pessoas
- limites movimento - incrementos de cada
- controlar movimento - dados, endereço
- criação / sugestão de caminhos
- rede, espacial, descho espacial
- destaque os nós / linhas nós
- "nós somos nós" - base
- jogo "como do gato" -
- delimitar o espaço



Questão

Der destaque ao invisível

(ser a algo que ninguém vê, reparar o destaque de uma obra de arte ou galáxia - o resto da parte, um disco colorido não está...)

Res: signficar, Horizontal, Autenticidade, Movimento, Felicidade, Bonal, depois do...

Redes virtuais / com formas

Fazer percursos ou plans

Ser frágil e efêmero

Sensibilidade e delírio no corpo

2 componentes visíveis, outros fazem pontes, estruturas

La trono

escala

6 de la tarde / 10 anos

Para se jogar nos 2 mt. 10 mt. 10 mt.

ou várias formas de queda

Não é mt. 10 mt.

Uma unidade de laboratório

Tal como ser de 10 mt. 10 mt.

Várias cores que com

os 10 mt. 10 mt.

Grande - 10 mt. 10 mt.

10 mt. 10 mt.

Essa unidade de laboratório

Vários mt. 10 mt. 10 mt.

ANEXOS

ANEXO A - LINK DO VÍDEO DA PERFORMANCE FINAL

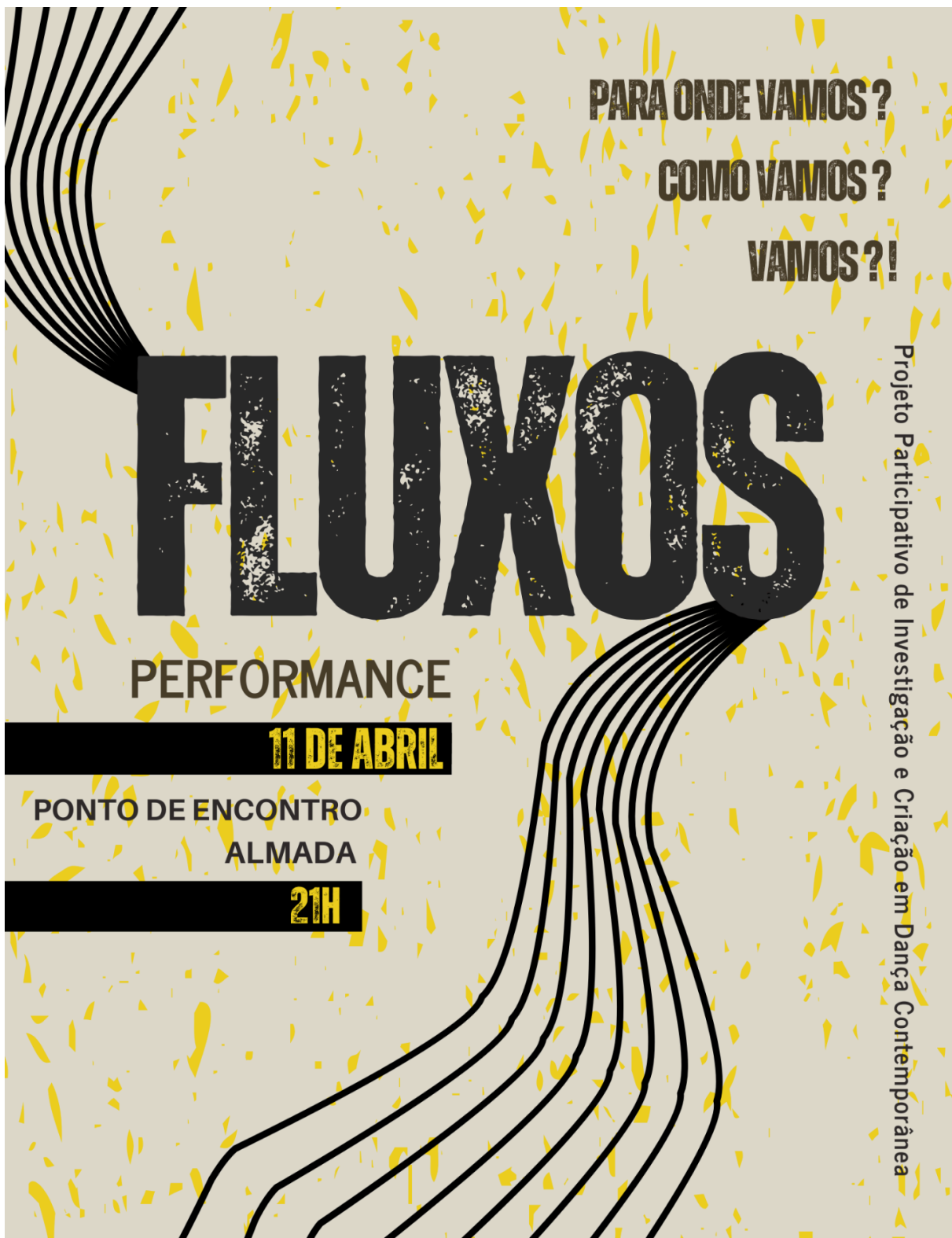
Vídeo Completo (câmara de mão e câmara fixa) - *Para Onde Vamos? Como Vamos? Vamos?!*

<https://youtu.be/LV51q283XSU>

Vídeo (câmara de mão) - *Para Onde Vamos? Como Vamos? Vamos?!*

<https://youtu.be/sCdfcurTzzQ>

ANEXO B - CARTAZ DA APRESENTAÇÃO FINAL

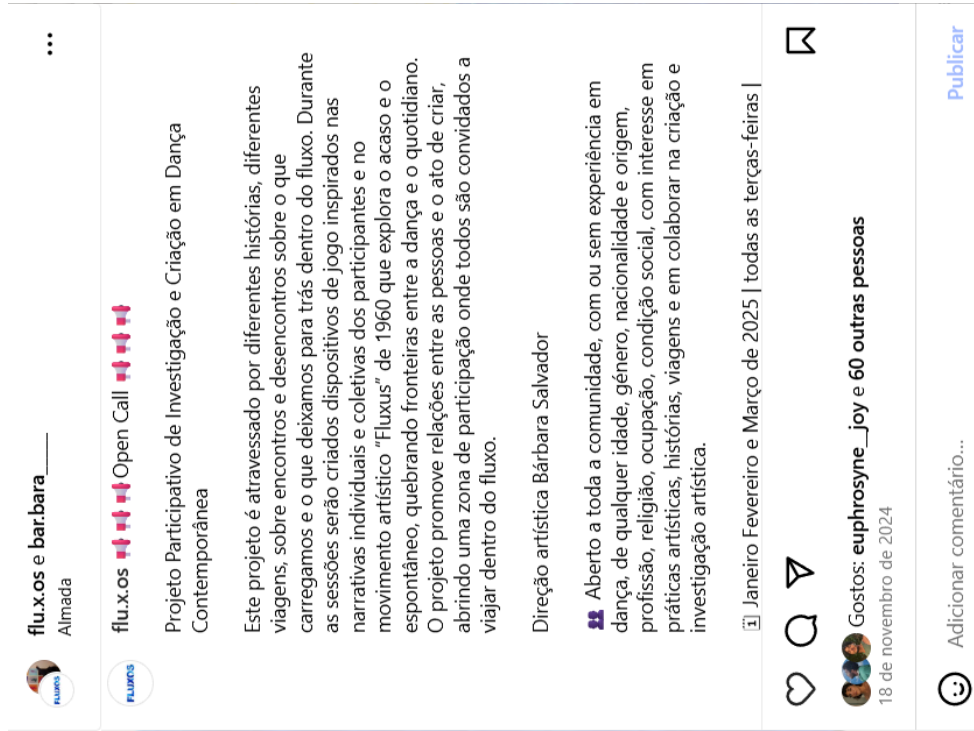


ENTRADA LIVRE



ANEXO D - DIVULGAÇÃO OPEN CALL DO PROJETO

Rede Social - Instagram



flu.x.os e bar.bara Almada

flu.x.os Open Call

Projeto Participativo de Investigação e Criação em Dança Contemporânea

Este projeto é atravessado por diferentes histórias, diferentes viagens, sobre encontros e desencontros sobre o que carregamos e o que deixamos para trás dentro do fluxo. Durante as sessões serão criados dispositivos de jogo inspirados nas narrativas individuais e coletivas dos participantes e no movimento artístico "Fluxus" de 1960 que explora o acaso e o espontâneo, quebrando fronteiras entre a dança e o quotidiano. O projeto promove relações entre as pessoas e o ato de criar, abrindo uma zona de participação onde todos são convidados a viajar dentro do fluxo.

Direção artística Bárbara Salvador

Aberto a toda a comunidade, com ou sem experiência em dança, de qualquer idade, género, nacionalidade e origem, profissão, religião, ocupação, condição social, com interesse em práticas artísticas, histórias, viagens e em colaborar na criação e investigação artística.

Janeiro Fevereiro e Março de 2025 | todas as terças-feiras |

Gostos: **euphrosyne_joy** e 60 outras pessoas

18 de novembro de 2024

Adicionar comentário... **Publicar**





Projeto Participativo de Investigação e Criação em Dança Contemporânea

Aberto a toda a comunidade, com ou sem experiência em dança, de qualquer idade, género, nacionalidade e origem, profissão, religião, ocupação, condição social, com interesse em práticas artísticas, histórias, viagens e em colaborar na criação e investigação artística.

Este projeto é atravessado por diferentes histórias, diferentes viagens, sobre encontros e desencontros sobre o que carregamos e o que deixamos para trás dentro do fluxo. Durante as sessões serão criados dispositivos de jogo inspirados nas narrativas individuais e coletivas dos participantes e no movimento artístico “Fluxus” de 1960 que explora o acaso e o espontâneo, quebrando fronteiras entre a dança e o quotidiano. O projeto promove relações entre as pessoas e o ato de criar, abrindo uma zona de participação onde todos são convidados a viajar dentro do fluxo.

Direção artística Bárbara Salvador

Mais informações e inscrições:

Formulário de inscrição - <https://forms.gle/Er7FDm51XveRcpH66>

Participação Gratuita

Email - fluxos.projeto@gmail.com

Data de realização

Calendarização: janeiro, fevereiro e março de 2025 | todas as terças-feiras | 18h às 21h | estreia em abril de 2025 (data a determinar)

Contactos

Email - fluxos.projeto@gmail.com

Telefone - 919048224

Redes Sociais - https://www.instagram.com/flu.x.os?utm_source=ig_web_button_share_sheet&igsh=ZDNlZDc0MzIxNw==

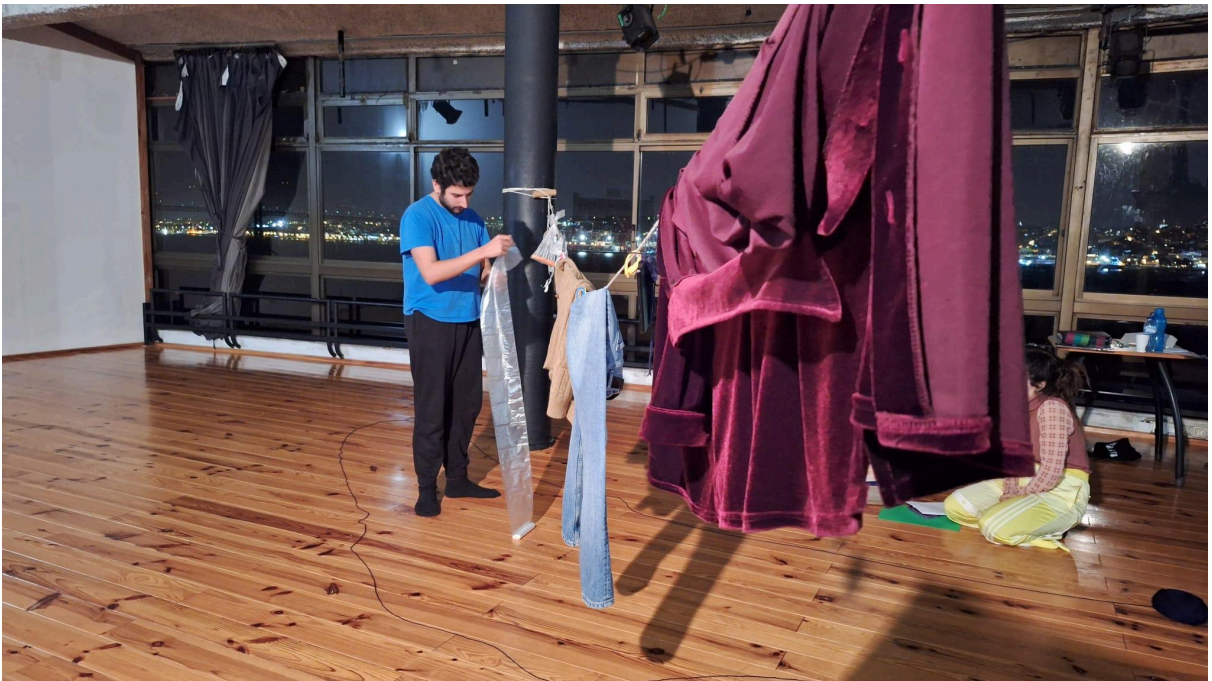
Data limite de Candidatura

17 de Janeiro de 2025

ANEXO E - FOTOS ENSAIOS FLUXOS



© João Monteiro



© Bárbara Salvador

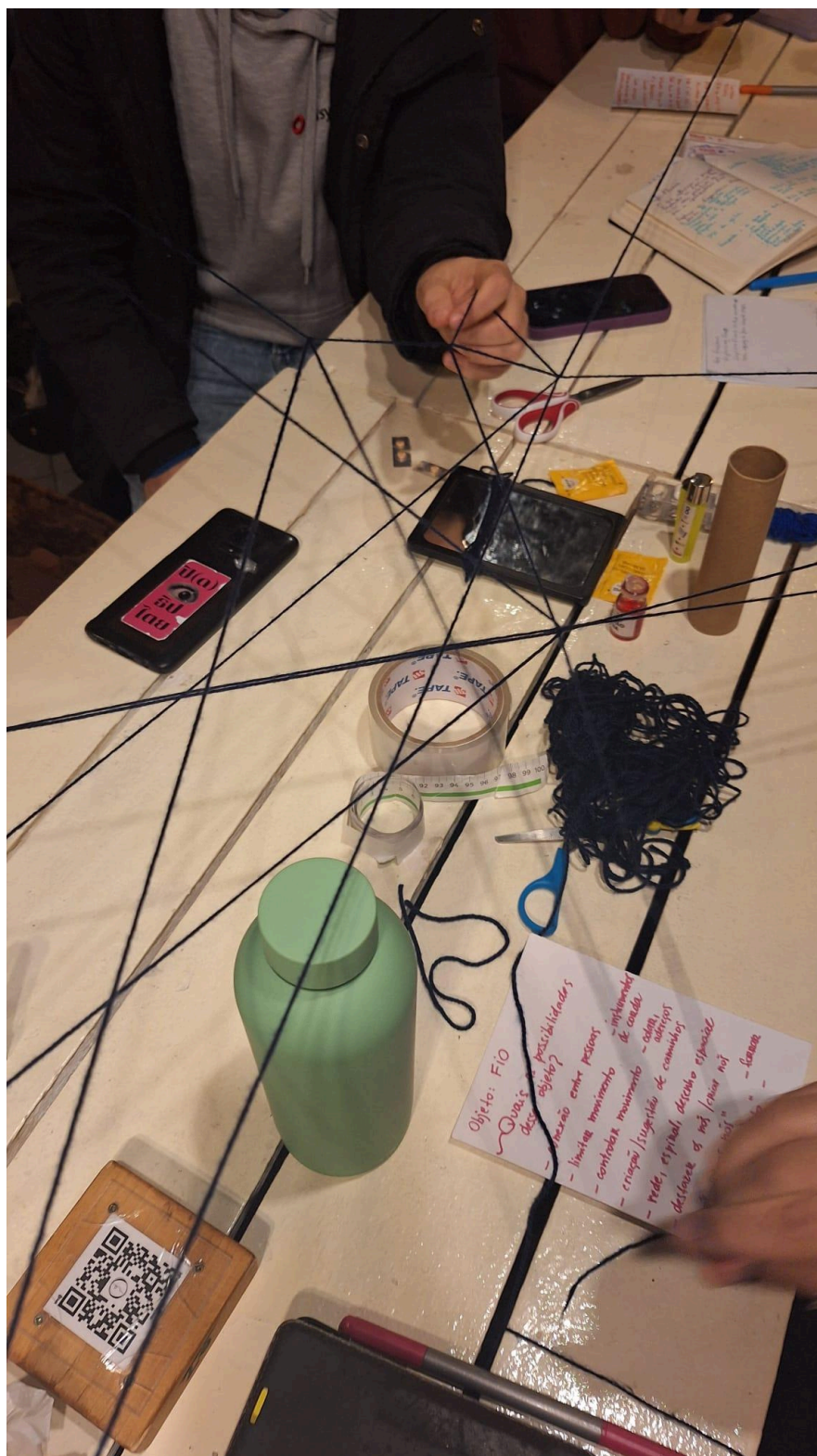


© Bárbara Salvador

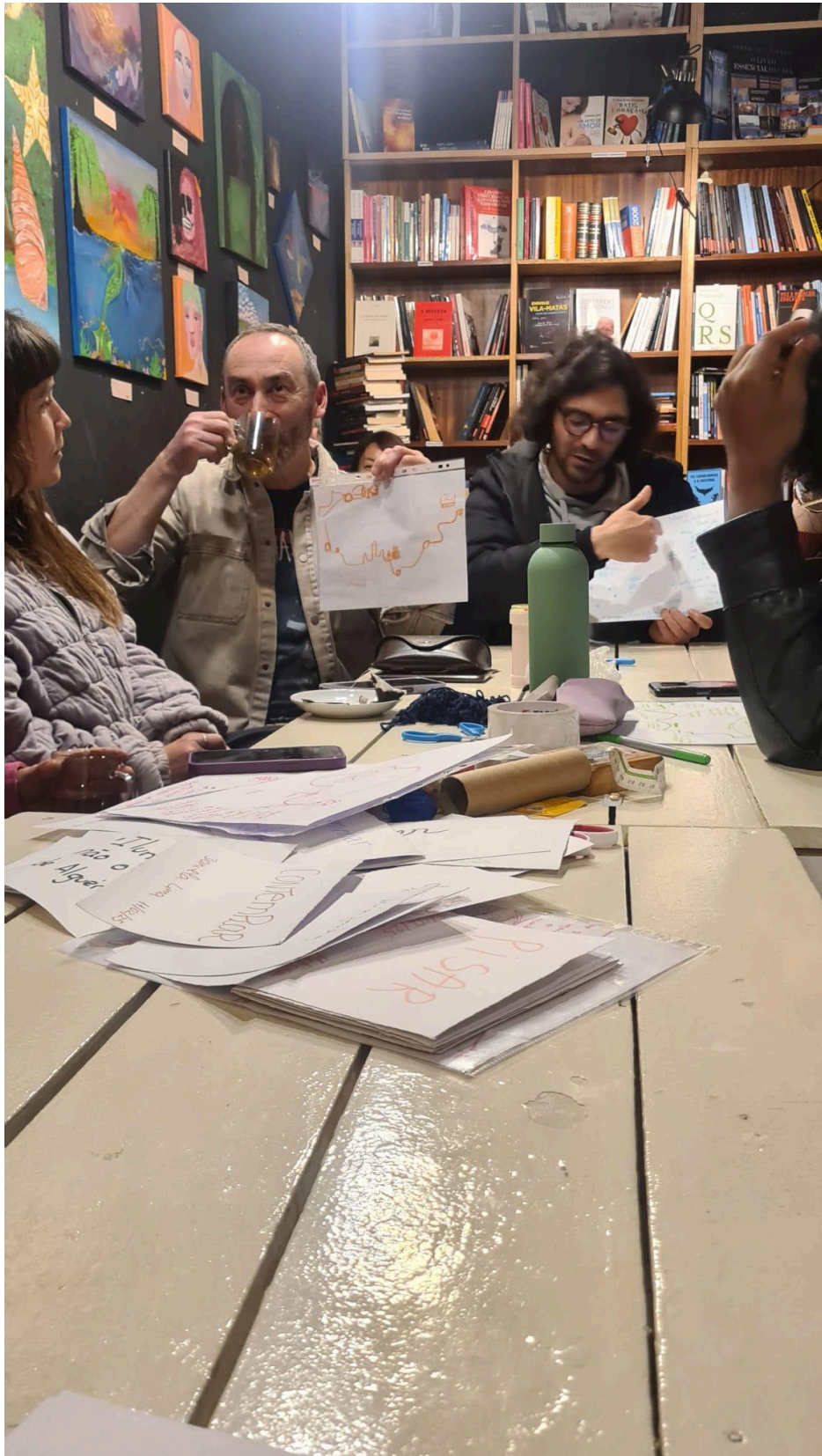


© Bárbara Salvador

ANEXO F - FOTOS CAFÉS FLUXOS



© Bárbara Salvador

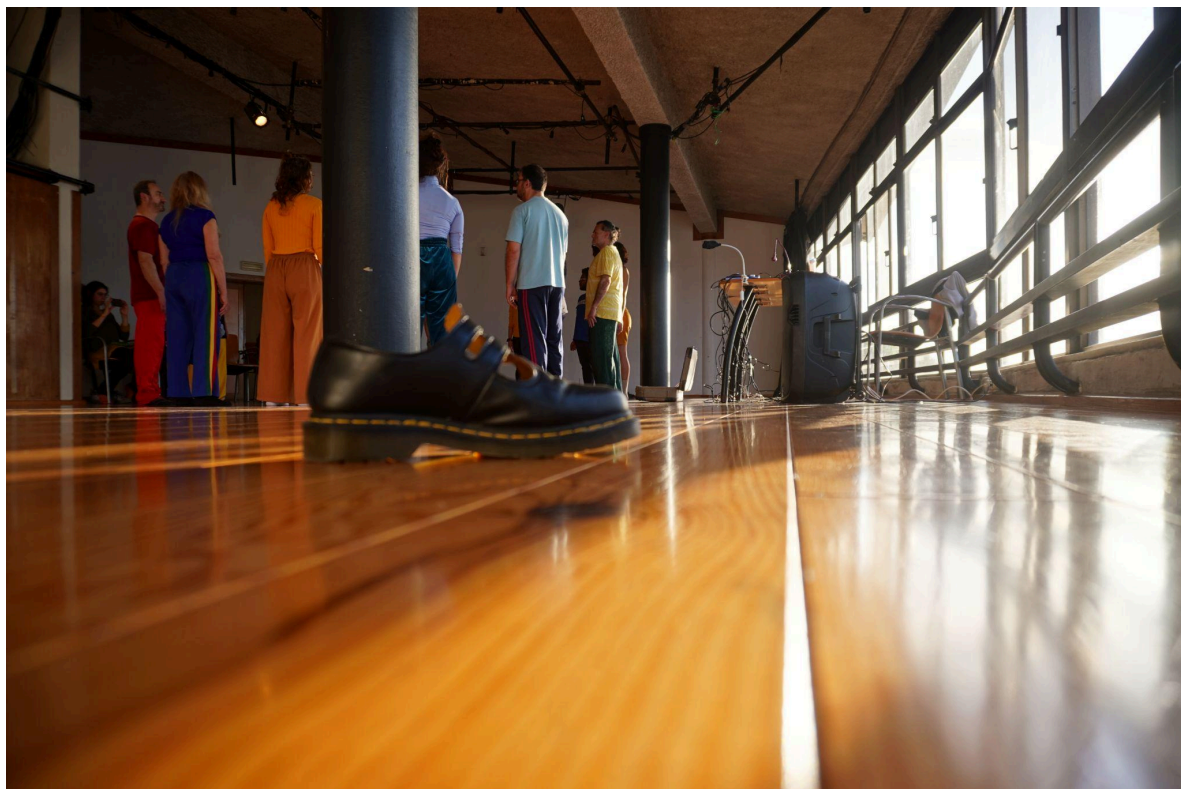


© Bárbara Salvador



© João Monteiro

ANEXO G - FOTOS PERFORMANCE FLUXOS



© João Monteiro



© João Monteiro



© João Monteiro



© João Monteiro

FLUXOS

PROJETO PARTICIPATIVO DE
INVESTIGAÇÃO E CRIAÇÃO EM
DANÇA CONTEMPORÂNEA

PERFORMANCE

PARA ONDE VAMOS?

Um fluxo constante de encontros e desencontros. Atravessamos histórias que nos transformam. O que carregamos? O que deixamos para trás?

COMO VAMOS?

Inspirados no Movimento Fluxus dos anos 60 e nas narrativas pessoais e coletivas dos participantes, criámos um jogo performático onde o acaso e a espontaneidade conduzem a experiência.

VAMOS?!

A fronteira entre a dança e o quotidiano dissolve-se, convidando o público a mover-se connosco neste percurso imprevisível.

Interpretação e Cocriação

Direção Artística
Bárbara Salvador

Ambiente Sonoro
Fernando Chainço

Daniel Silva
Daniela Lima
Daniela Santos
David Cavaco
Fernando Chainço
Gabriella Hedegaard
Hugo Pereira
Inês Garcias
Rita Cunha

São Matthias Nunes
Sara Dias
Segundos Pedro
Maria Helena
Maria Inês Brás
Melissa Loja
Vanessa Toro
Vítor Pinto

Agradecimentos

Câmara Municipal de Almada
Ponto de Encontro - Casa Municipal da Juventude
Meia Volta de Úrano
Associação O Mundo do Espetáculo

João Cristóvão Leitão
João Fernandes
João Monteiro
Raquel Amaral